Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 289
Mês: Março
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

Acadêmico Marco Lucchesi assume presidência da Fundação Biblioteca Nacional

Convidado pela ministra da Cultura, Margareth Menezes, para presidir a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – a mais antiga instituição cultural do país e oitava do mundo – o imortal Marco Lucchesi, de 59 anos, ex-presidente da ABL por quatro mandatos, não medirá esforços para fortalecer a aliança entre a Biblioteca e a democracia, promovendo inclusão e diversidade. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Foto: © Tomaz Silva/Agência Brasil

JL digital
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

Marco Lucchesi conhece de cor e salteado a Biblioteca Nacional. Já trabalhou lá e é muito querido pelos seus funcionários. Com a sua notável cultura, que envolve uma série fundamental de idiomas, certamente fará um bom trabalho, num local que, no governo anterior, se prestou a jogadas políticas indefensáveis. É a nossa capa, num número que homenageia a jornalista Glória Maria e a acadêmica Cleonice Berardinelli. Devemos saudar com muita efusão o amor de Dona Cleo pela língua portuguesa e particularmente o poeta Fernando Pessoa. Foram duas perdas muito sentidas, razão do registro que fazemos com muito carinho.

O editor.

O acadêmico Arnaldo Niskier cumprimenta o rabino Nilton Bonder, em sua posse na Academia Carioca de Letras.

"O meu ideal seria viver tudo em romance, repousando na vida - ler as minhas emoções, viver o meu desprezo delas."

Fernando Pessoa

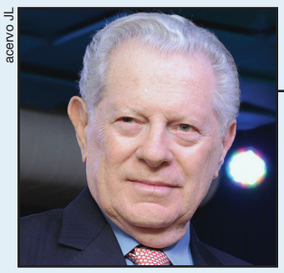
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião Arnaldo Niskier



acervo JL

O brilho de Proust

Estive no pampa gaúcho, soprado pelos ventos de Gilberto Schwartzmann, diretor da Biblioteca Pública Estadual de Porto Alegre, um notável colecionador literário, autor do livro *A Amante de Proust* e membro da Academia Nacional de Medicina, para dizer algumas palavras sobre esse incrível escritor que foi Marcel Proust (1871-1922). Na capital do Rio Grande do Sul, não pude deixar de me lembrar do meu saudoso colega acadêmico Moacyr Scliar, autor de mais de 80 livros, falecido em 2011.

A harmonia da ascendência comum, o judaísmo, explica muita coisa das nossas crenças espirituais e literárias. Membro há 35 anos da Academia Brasileira de Letras, da qual hoje sou vice-decano, sempre me interessei, particularmente, pela cultura francesa. Talvez por isso seja natural que tenha recebido a *Légion d´Honneur* e a Ordem das Letras e das Artes do governo francês.

Educação e Judaísmo são atividades que sempre estiveram entrelaçadas, como se pode observar no livro *Ensaios Judaicos*, do professor Jaques Ribenboim, experiente membro da comunidade judaica do Recife, que assinala: "Existe uma tradição de letras no povo de Israel. O livro mais lido do mundo (a *Bíblia*) foi escrito por seus descendentes."

O escritor judeu produz uma escrita judaica, embora não trate especificamente de temas judaicos. Marcel Proust teve um brilho especial na história do romance francês do século XX, particularmente em virtude do sucesso de *Em busca do tempo perdido*, obra publicada em sete partes, de 1913 a 1927. Nela está a ideia de que a obra literária tem por objeto voltar a encontrar, além do escoamento estéril da vida cotidiana e mundana, o universo espelhado pelo espírito e considerado, sob o aspecto da eternidade, que é também o da arte.

Com a saúde fragilizada desde a infância por conta da asma, a vida de Proust é, sem dúvida, o testemunho do permanente esforço para adaptação à doença, para a resistência ao sofrimento. Chegou até a dizer que "a ideia da morte o acompanhava com a mesma constância quanto a da própria identidade".

George Cattaui (1896-1974), escritor francês de origem egípcio-judaica, que publicou vários ensaios e biografias, analisou que o prazer na dor e na atribulação deveria, em parte, ser creditado ao sangue judeu de Proust, que o levava a considerar com desprezo "o mundo inumano do prazer", e a defender o princípio de que "toda a criação tem que exigir ascese e sacrifícios". Para ele, a arte traduzia um valor absoluto. E a própria obra literária mostra muito bem a relação que existiu entre o romancista e o mundo que procurou apresentar ao leitor. Já se disse que a doença está para o romance de Proust, como o dinheiro na estrutura da *Comédie Humaine*. Há estudiosos que afirmam que ele foi "o Balzac do fim da alta burguesia", que teria escrito "o epitáfio da aristocracia francesa".

"Senso de humor é o sentimento que faz você rir daquilo que o deixaria louco de raiva se acontecesse com você."

Barão de Itararé

Adeus a D. Cleo

Acadêmica mais longeva da ABL, Cleonice Berardinelli morreu de insuficiência cardíaca, aos 106 anos, no dia 31 de janeiro, entristecendo sua legião de alunos e admiradores, como os colegas Ana Maria Machado, Zuenir Ventura, Domício Proença e Antônio Carlos Secchin.

Uma das maiores especialistas do mundo na obra de Fernando Pessoa e em literatura portuguesa, a professora foi a sexta ocupante da cadeira nº 8, eleita em 16 de dezembro de 2009, na sucessão de Antônio Olinto.

D. Cleo, como era conhecida, foi recebida na Casa de Machado no dia 5 de abril de 2010, por seu discípulo decano, acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ressaltou, na época, as virtudes excepcionais da mestre: "Podemos dar graças a Deus por haver-nos presenteado esta mulher generosa e incansável, esta existência fecunda em que tantos discípulos puderam valer-se dos seus ensinamentos sempre apurados, sempre cuidados; por esta trabalhadora impecável no cumprimento da tarefa, na simplicidade, na coerência, na dignidade, na dedicação, na integridade, na abnegação, na lealdade; por esta estudiosa incessante que prestigiou nosso país em tantos congressos, simpósios, colóquios, palestras e outros encontros acadêmicos, no Brasil e pelo mundo afora; por esta autora e editora crítica de tantos livros publicados entre nós e em Portugal, de ensaios e conferências com que enriqueceu os estudos do idioma; por esta grande dama da literatura brasileira e portuguesa que é Cleonice Berardinelli; por esta professora que definiu, numa frase, seu destino e sua vida: 'Descubro que o magistério, para mim, não é apenas o solo de origem, mas também o espaço de realização do desejo. Princípio e fim.'"

Licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1938), doutora em Letras Clássicas e Vernáculas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959), Cleonice Serôa da Motta Berardinelli nasceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1916.

Livre-docente de Literatura Portuguesa por concurso pela Faculdade Nacional de Filosofia, em 1959 defendeu a Tese: "Poesia e poética de Fernando Pessoa", a primeira tese sobre o autor feita no Brasil.

Foi professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – 1944), feita emérita em 1987, professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio – 1963), emérita em 2006, professora da Universidade Católica de Petrópolis (1961), professora de Língua e Literatura Portuguesa do Instituto Rio Branco – Curso de Preparação à Carreira Diplomática (1961-1963), professora convidada pelas Universidades da Califórnia, campus Sta. Barbara (1985) e de Lisboa (1987 e 1989).

Orientadora de 74 dissertações de mestrado e 42 teses de doutorado, participou de 32 bancas de concurso para professor e de mais de uma centena de bancas de pós-graduação. Proferiu um total de 175 conferências e 140 palestras em mesas-redondas, no Brasil e no Exterior.

São dela livros como *Antologia do Teatro de Gil Vicente* (1971), *Fernando Pessoa: Obras em Prosa* (1975) e *Sonetos de Camões* (1980). Participou do documentário O Vento Lá Fora, no qual entoa poemas de Pessoa ao lado de Maria Bethânia, e teve sua vida contada pelo curta-metragem Cleo, de Guilherme Bengué, realizado em 2020.

Em 2014, aos 98 anos, Cleonice Berardinelli recebeu o Prêmio Faz Diferença na categoria Prosa, das mãos dos também acadêmicos Zuenir Ventura e Merval Pereira.

D. Cléo deixou cinco sobrinhos, nove sobrinhos-netos e uma legião incontável de fãs.

Entre as comendas e distinções recebidas em vida, destacamos:

Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, do Governo de Portugal (1967).

Acadêmica Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, eleita por unanimidade, em 28 de novembro de 1975. (V: Anuário Acadêmico de 1975-1977).

Membro titular do PEN Clube do Brasil, eleita por unanimidade, em 23 de fevereiro de 1984.

Grau de Oficial da Ordem de Rio Branco, concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, e recebida em Lisboa, das mãos do Embaixador do Brasil, em 14 de março de 1990.

Comenda da Ordem de Santiago da Espada, concedida pelo Governo de Portugal, recebida no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1992.

Membro Fundador da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, em agosto de 1992.

Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, tendo-lhe sido entregue o título em 1995.

Doutor Honoris Causa da Universidade de Lisboa, tendo-lhe sido entregues as insígnias no dia 10 de janeiro de 1996.

Medalha do Mérito Científico, conferida pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa, no Rio de Janeiro (FAPERJ), em 9 de novembro de 2000.

Vice-presidente de Honra da Associação Internacional de Lusitanistas, eleita por unanimidade, em julho de 2002.

Prêmio Golfinho de Ouro, categoria Educação, concedido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 30 de março de 2005.

Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, concedida pelo Governo de Portugal, e recebida pelas mãos do primeiro ministro, engenheiro José Sócrates, no Real Gabinete Português de Leitura, em 11 de agosto de 2006.

Membro Honorário da Academia Brasileira de Filologia, em 18 de março de 2006.

Prêmio Fernando de Azevedo – Educador do Ano de 2008 –, concedido pela Academia Brasileira de Educação e entregue em sessão solene no dia 13 de outubro de 2008.

Personalidade Cultural de 2009. Prêmio concedido pela União Brasileira de Escritores e entregue durante cerimônia realizada no dia 27 de agosto de 2009.

Personalidade Educacional 2009. Prêmio concedido a educadores e instituições ligadas à área de Educação pela ABE (Associação Brasileira de Educação), ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e Folha Dirigida. Cerimônia de entrega realizada no dia 22 de outubro de 2009.

Medalha da Ordem do Desassossego. Condecoração concedida pela Casa Fernando Pessoa e entregue numa cerimônia realizada no Instituto Moreira Sales, no dia 8 de março de 2010.

Diploma de Honra ao Mérito e medalha Comemorativa pelos 70 anos da PUC-Rio, 2011.

Prêmio Literário Sérgio Buarque de Holanda – categoria ensaio, da Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

Homenagem em sessão solene na abertura do II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ, Faculdade de Letras da UFRJ, 2013.

Medalha Serafim da Silva Neto, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2013.

Doutor Honoris Causa, Universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

Despedida do Alunado a Cleonice Berardinelli

Mestra querida, adeus! Descansa em paz.
Fica conosco, no entanto, o que construíste.
Se o nosso coração deplora triste
teu desenlace, não some jamais

a luz do teu saber. Em nós persiste
tudo o que foste de condão capaz
de a mente nos formar. Não se desfaz
tua marca nos seres que instruíste.

As lições emitias com doçura.
Por isso o que plantaste em nós perdura;
dói-nos, por isso, dar-te o nosso adeus.

Esperamos, porém, que a pessoana
que tanta claridade ainda espadana,
conheça em recompensa a luz de Deus.

*Linhares Filho é membro da Academia Cearense de Letras.

Breves

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ O acadêmico José Paulo Cavalcanti foi eleito, por unanimidade, como sócio-correspondente brasileiro da Academia das Ciências de Lisboa. Vai ocupar a vaga da saudosa Nélida Piñon.

◉ A Companhia das Letras mobilizou-se em prol da causa indígena. Na compra de *O Espírito da Floresta*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, todo o lucro obtido será direcionado ao fundo emergencial de apoio aos Yanomami.

◉ Neste mês, Brasília recebe o evento Elas publicam – I Encontro de Mulheres do Mercado Editorial, com produção e curadoria de Lella Malta, no espaço Yolo Coworking.

◉ Martinho da Vila lançou *Memórias de Teresa de Jesus* (Ed. Malê). A obra narra histórias contadas pela mãe do sambista, também vividas por muitas famílias negras.

◉ A presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Ester Vieira, recebeu homenagem internacional, promovida por Zoom pela editora mexicana Ayame, para celebrar os 90 anos, completados em fevereiro.

◉ A Publishers Association (PA) lançou um Plano de Ação e Inclusão para o mercado editorial mundial. O plano tem um conjunto de dez compromissos para as empresas editoriais, no período de 2023 a 2026.

◉ *Isso de Política, Meu Caro...* (Ed. Livros Ilimitados) condensa histórias vividas por Rubem Medina em sua trajetória de 36 anos como deputado.

◉ *Fragmentos Completos*, lançado pela Editora 34, reúne o que restou da obra poética de Anacreonte, descrito pelo tradutor Leonardo Antunes como "vovô hardcore da boemia grega".

◉ *Filhos de Jesus* (Ed. Todavia), publicado pela primeira vez no Brasil com ótima tradução de Ana Guadalupe, reúne 11 histórias de Denis Johnson, mostrando o lado sombrio do sonho americano.

◉ Dividido em três atos, *A Fantasmagórica Noite de Hugo* (Ed. Melhoramentos), de Bertrand Santini, surpreende e prende o leitor até a última página sem estabelecer uma linha divisória entre sonho – no caso, pesadelo – e realidade.

◉ No livro de ensaios *É Próprio do Humano* (Ed. Record), Dante Gallian retira lições de autoconhecimento da obra de Homero.

◉ A editora Rocco lançou *Um Homem Chamado Ove*, bestseller internacional de Frederick Backman, que baseou o filme estrelado por Tom Hanks (O pior vizinho do mundo).

◉ *Quando os Pássaros Voltarem*, de Fernando Aramburu, ganhou tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht para a Editora Intrínseca.

◉

A premiada tradução da *Odisseia*, assinada pelo helenista português Frederico Lourenço, será lançada no Brasil pela Companhia das Letras.

◉

A editora Autêntica lança, em breve, uma nova edição de *As Bacantes*, de Eurípedes, em tradução de Rafael Brunhara.

◉

Dos gregos antigos aos alquimistas modernos dos séculos XX e XXI, o professor e químico inglês Tim James apresenta, no livro *Elementar* (Ed. Zahar), uma história acessível sobre a busca da Humanidade pelos elementos químicos.

◉

O trio Felipe Pan (texto), Olavo Costa (arte) e Mariane Gusmão (cores) – brasileiros responsáveis pela premiação da HQ Gioconda – voltou inspirado na História e nos mitos do Antigo Egito, lançando *O Menino Rei*, pela Editora Nemo.

Humor

Por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

REUNIÃO MINISTERIAL DEMOCRÁTICA

◉ Lançada no Brasil pela Editora Carambaia, *Tolstói & Tolstaia*, novela de Sofia Tolstói, revela problemas na relação com o marido, numa mistura de ficção e realidade pontuada por ciúme e conflitos sobre sexo.

◉ Com toques de realismo mágico, *O Manto da Noite* (Ed. Companhia das Letras), romance de Carola Saavedra, expõe a América Latina e seu passado marcado por erros históricos.

◉ Em *Atrás do Pensamento* (Ed. Bazar do Tempo), Marcia Sá Cavalcanti Schuback escreve "não sobre Clarice Lispector, mas para Clarice".

◉ *Luz Escrita* (Ed. Des Stijl), do fotógrafo Raus Vitor Borges, reúne imagens do cotidiano para apoiar o resgate e a reabilitação de animais abandonados.

◉ A partir da história por trás da casa da avó do narrador, *Velhos Hábitos* (7Letras), de Luciano Gatti, delineia a centralidade matriarcal do ambiente.

◉ A antologia *A um Passo da Liberdade* (Ed. Maianga), organizada por Césio Oliveira, Vander Prata, José Barreto e Sérgio Guerra, apresenta reportagens antológicas publicadas pelo *Jornal da Pituba*, de Salvador.

◉ Para tornar a obra de Milan Kundera cada vez mais acessível aos leitores brasileiros, a Companhia das Letras lançou edições em e-book de *A Insustentável Leveza do Ser*, *A ignorância* e *A Arte do Romance*.

◉ *Memórias da Liberdade – 50 anos do Guaraparistock*, livro do jornalista Eduardo Maia, com organização de Antonio Alaerte, teve prestigiado lançamento na Biblioteca Pública do Espírito Santo.

◉ Ailton Krenak foi um dos convidados da terceira edição da Festa Literária Internacional de São Sebastião (SP) (FLISS).

◉ Depois de dois prêmios individuais em 2010 e 2015, o quadrinista francês de origem síria Riad Sattouf levou o Grand Prix do Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême de 2023 – a distinção é entregue a artistas em reconhecimento à sua trajetória. Seu quadrinho *O Árabe do Futuro* é publicado no Brasil pela Intrínseca.

◉ Editoras interessadas têm até o dia 31 de março para garantir um espaço na 75ª edição da Feira do Livro de Frankfurt, a maior feira do mercado editorial.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Mudança

"O rapaz se julga realizado porque é Bacharel."

Tudo bem, mas não aprendeu a nova regra: as titulações devem ser escritas com letra inicial minúscula, logo, o certo, agora, é **b**acharel. Período correto: "O rapaz se julga realizado porque é **b**acharel."

Vale a pena lembrar

O atual Acordo Ortográfico determina que os nomes dos dias da semana e dos meses do ano devem ser grafados com letra minúscula, a não ser que iniciem uma frase. Já as datas cívicas devem ser registradas com letra maiúscula.

Exemplos: O dia 1º de **janeiro** de 2024 cairá numa **segunda-feira**.

O **Sete de Setembro** representa muito para os brasileiros.

Paixão por cinema

"Flávio sente saudade dos filmes de bangue bangue."

Mentira! Se a saudade fosse verdadeira, escreveria: **bangue-bangue**, com hífen, pois palavras repetidas devem ser separadas por hífen, como sempre o foram. Frase correta: "Flávio sente saudade dos filmes de **bangue-bangue**."

Ledo engano

"À entrada de uma empresa está escrito: seja bem vindo!" Isso não pode ser verdade. Ninguém é "bem vindo" e sim **bem-vindo**, porque o advérbio **bem** deve ser separado do segundo elemento por hífen, na maioria das palavras.

Período correto: "À entrada de uma empresa está escrito: seja **bem-vindo**!"

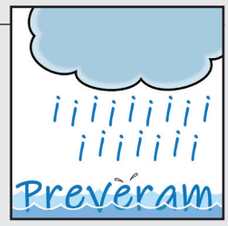
Obra indesejada

"Jussara sofre com o barulho de bate estacas do prédio vizinho."

Escrito desse jeito ("bate estacas"), garanto que o barulho fica insuportável. Os compostos de **verbo+substantivo** exigem o uso do hífen: bate-estacas.

Frase correta: "Jussara sofre com o barulho de **bate-estacas** do prédio vizinho."

Previsão errada



"Os meteorologistas preveram muita chuva para o mês que vem."

Não acertaram nada, aposto! A conjugação do verbo **prever** segue a do verbo **ver**, logo, se o certo é escrever **viram**, o correto é **previram**. Frase correta: "Os meteorologistas **previram** muita chuva para o mês que vem."

Tudo certo

Hei de vencer é uma máxima que deveria ser seguida.

Duplamente correta: a ideia e a ortografia. Não se deve usar hífen nas locuções, sejam elas adjetivas, substantivas, verbais (hei de vencer), pronominais, adverbiais, prepositivas, interjeitivas ou conjuntivas.

Exceções, por uma questão de tradição: **cor-de-rosa**, **mais-que-perfeito**, **pé-de-meia**, **água-de-colônia**, **ao deus-dará**, entre outras, têm hífen.

Colega indiscreto

"Maria Clara contou com a descrição do amigo para evitar que o assunto se espalhasse na empresa."

Não obteve o êxito desejado, essa palavra está mal inserida no contexto. Veja:

Descrição – refere ao ato de descrever algo. Ex.: "Ele fez a **descrição** de todos os cômodos da casa para a compradora."

Discrição – refere-se a ser discreto, neutro, silencioso etc. Ex.: "Ela manteve o caso com o amante na maior **discrição**."

Nota baixa

"Lívia e Manuela estudaram bastantes para a prova."

Não podem ter passado! A palavra existe, mas está mal empregada.

Veja: **Bastantes** – é adjetivo, concorda com o substantivo a que se refere, ou seja, sofre variação. Embora seja correto, é pouco usado e pode ser substituído por (**muitos** ou **muitas**). Ex: "Elas chuparam bastantes jabuticabas" (**muitas**), "Já estudaram para bastantes concursos" (**muitos**).

Bastante – é advérbio de intensidade e invariável. Ex.: Ela ficou bastante feliz ao ver o irmão. (**muito**).

Frase correta: "Lívia e Manuela estudaram **bastante** para a prova."

João e a esmeralda

Por Gabriel Chalita*

O sol descansava as névoas e iluminava. O entardecer não tardaria a chegar. O entardecer havia chegado. Foi o que ouvi de João.

Sentado em um banco de madeira velho, remexia os pensamentos e acenava, com educação, aos passantes que caminhavam na praia quase vazia.

Parei um pouco e sentei ao seu lado. O sorriso havia feito o convite.

"O senhor não é daqui", foi o que me disse.

"Estou de passagem", foi o que respondi.

"Todos nós estamos", foi o que ensinou.

João tem a idade de alguns cansaços. A pele queimada de sol. Os pés descalços dos frequentadores de areia. As mãos estendidas sobre o tempo explicam tempos de mais ação. O tempo que ainda não havia escorregado por entre os espaços de seus dedos, também queimados de sol e de histórias.

"Esmeralda", disse ele.

"Como?" Indaguei.

"Querem comprar Esmeralda, estão comprando tudo."

Não demorei a entender que Esmeralda era o barco. Do banco de madeira velho, víamos o velho barco de João.

"Esmeralda me deu tudo."

E foi dizendo dos filhos já formados com o dinheiro dos turistas que conheciam o mar em Esmeralda. Da vida com Esmeralda. Dos passeios românticos com Lucília, a esposa, em Esmeralda.

"Faz tanto tempo." Disse e silenciou. Silenciei também. Foi como se visse sozinho, dentro de si mesmo, um filme bonito.

Aproveitei para ver melhor o mar e os barcos balançando em obediência ao ir e vir das ondas. A visão era de imagens capazes de alimentar afetos e perpetuar memórias.

Voltou João a dizer de Esmeralda. Então, eu percebi que deixei de ver os outros barcos e fiquei enamorado de Esmeralda. O nome estava pintado em lugar visível. O balançar disfarçava a idade. Fiquei, também, construindo o meu filme interno. Imaginando o dia em que João encontrou Esmeralda e, com ela, o seu lugar no mundo.

Fiquei perguntando se já havia encontrado a minha Esmeralda, a minha embarcação, a minha joia explicadora das existências. O balançar é para todos.

A frase de João voltou a dizer em mim, "todos nós estamos" de passagem. Passageiros do tempo nos espaços que conhecemos. Passageiros do tempo nas embarcações que nos transportam. E que, em dias de lua atrevida, nos oferecem romantismos. Fiquei imaginando Lucília. Como se conheceram? Na praia? Na casa de algum conhecido? Na saída de alguma Igreja? Perguntei nada. Preferi construir.

Esmeralda foi construída por artesãos que já não mais existem. Ou artesãos que existem em Esmeralda. Lucília mora com João, já sem os filhos, em uma casa que não fica longe. Sai pouco. Algumas doenças demitiram o caminhar apaixonado nas areias daquele mar.

Há uma empresa que chegou, há pouco, e que está comprando as embarcações. Poderia ser um bom dinheiro para João e Lucília, para os remédios, para o conforto. Desconfortado está ele em dizer adeus. E se mudarem o nome? E se pintarem de alguma outra cor? E se não mais reconhecer Esmeralda?

Sou de outro canto do mundo. No meu canto, conto a vida em outro tempo. O meu tempo ainda não é do entardecer, embora saiba que há de chegar e que há de balançar verdades provisórias que hoje tenho. Não sei medir o que, para João, é o despedir de Esmeralda. Penso que coisas possam ser despedidas, nascemos sem elas, mas não posso julgar. Não sei o que nasceu em João com Esmeralda e o que representa o seu atravessar de ondas, de dias, de uma vida inteira.

Sei que fiquei feliz antes do entardecer. E que agradeci a conversa.

"Volte amanhã", disse ele. "Esmeralda e eu, estaremos aqui."

"E Lucília?" perguntei.

"Ah, se quiser tomar um café em minha casa, será bem-vindo, ela sai pouco, mas ficará feliz."

E assim resolvemos. O meu amanhecer amanhã será com os dois, na casa simples não muito longe da praia, na simplicidade de um amor que resistiu ao tempo, ao tempo embalado em tantas travessias em Esmeralda.

Um pouco da minha Esmeralda estava ali, no encantamento de encontrar pessoas e no escolher as palavras para oferecer amor.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

O ar dos meus desejos: labirintos da escrita de Ana Arguelho

Por Raquel Naveira

ARGUELHO, Ana. *O Ar dos meus Desejos*. Campo Grande/MS: Life, 2022.

Finalmente em minhas mãos *O Ar dos meus Desejos*, o livro da professora e amiga de longa data, Ana Arguelho. É preciso, antes de tudo, escrever um pouco sobre nossa amizade. Colegas de ofício, demos aulas de literatura e fomos revisoras por muitos anos da editora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Nossas mesas de trabalho, uma ao lado da outra. Horas e horas de convívio, trocas e conversas. Parecíamos, talvez, diferentes em nossas posturas e maneiras de ver o mundo, mas, na verdade, éramos complementares. Sentíamo-nos unidas pelas lembranças de infâncias passadas na mesma Bela Vista da fronteira do Brasil com o Paraguai; a juventude pelas ruas largas de Campo Grande; a formação humanista em Letras; as preferências literárias em comum. Ainda que não a procuremos, a utilidade nasce da própria amizade. Ana abriu-me portas na carreira, fizemos parcerias em cursos, apostilas e viagens. A afeição e o respeito mútuo sempre brilharam entre nós.

Muitas vezes, Ana me falou sobre seus textos e que um dia os publicaria em livro. Deixou de lado esse projeto, pois, responsável com seu próprio futuro, dedicou-se com afinco aos estudos e à trajetória acadêmica, chegando ao doutorado em Letras. Emociona-me agora apalpar a capa colorida do artista plástico Genésio Fernandes e percorrer com os olhos as letras manuscritas soprando "o ar dos seus desejos".

Reconheço tantos de nossos diálogos e discussões nestas páginas. A questão dos limites e dos extremos dos gêneros literários, por exemplo. Serão crônicas? Contos? Poemas em prosa? Lygia Fagundes Telles já havia exercido essa liberdade em *Durante aquele estranho chá*, em que seu secretário na época, Suênio Campos de Lucena, reuniu textos em que ela comentava sobre sua amizade com Clarice Lispector e Manuel Bandeira, os "camaradas de letras"; relatos de viagens à Suíça e ao Irã; reflexões sobre as mulheres; o discurso proferido em sua posse na Academia Brasileira de Letras, enfim, várias experiências. Nessa linha, escreveu também *Invenção e Memória*, narrando fatos de sua infância, problemas de fé e depressão e outros instantes e lampejos. O mesmo processo encontramos em Nélida Piñon, em *O Livro das Horas*, pedaços de histórias de horas que não passaram em vão. Em *Uma Furtiva Lágrima*, Nélida costura suas reminiscências com os sabores de detalhes. Diria que livros meus, com subtítulos de "crônicas", como *Leque Aberto* e *Manacá*, também são compostos de fragmentos de uma observadora das cenas da vida e das artes. Ana Arguelho, portanto, valoriza e rejuvenesce os limites formais com esse seu *O Ar dos meus Desejos*.

Temos à nossa frente uma figura humana sincera, uma mulher que cresceu "meio santa, meio pervertida", cheia de doçura e ímpeto, alma cigana, contraditória, bicho do mato notívago, insana e lúcida. Fruto de uma base católica e cristã, aluna de colégio de freiras, embora se coloque como marxista e pregue um ateísmo racional, de quem se vê como "produto da natureza", Ana mergulha no sagrado, nos símbolos, nos sacramentos. Sua essência vem das regiões encantadas dos contos de fadas; das mitologias grega, céltica e guarani; do fundo das florestas. Cultiva uma estranha alegria, acima das circunstâncias deste mundo. Lança-se num realismo mágico. Lembrei-me de Carlos Drummond de Andrade, que, declarando-se ateu, escreveu inúmeros versos evocando a Deus, como nestes do "Poema de Sete Faces": "Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus,/ se sabias que eu era fraco?" Ana e Drummond não creem em Deus, mas, certamente, Deus crê neles. Ana tem até mesmo encontros secretos com o Espírito Santo, do alto do décimo andar de um edifício no centro da cidade: "Então... a pomba é, de fato, o Espírito Santo. E pode ser que eu esteja no céu. Súbito, um vento forte vindo das entranhas da terra me obriga a fechar a janela."

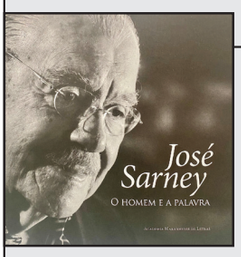
Ana coloca sua redenção na literatura. Na companhia que ela lhe fez pela vida: "A literatura me salva"; "E se hoje não perdi o sonho, não pulei da ponte, não fiz da vida uma aventura errante foi porque a literatura caminhou comigo." É um belo depoimento para as gerações de alunos que passaram por ela e para as gerações futuras de professores e leitores, como o professor Daniel Abrão, que escreveu o prefácio e o professor Wanderson F. Fonseca, que lhe dirigiu uma carta comovente.

Não há temor na velhice de Ana. Em "Crônica da velhice ou Sagração da Primavera de Stravinsky", Ana faz um balanço geral: "... amei e amei de vários jeitos e formas, pela religião e sem a religião, fui amada e tudo o mais que coube neste corpo e mente em torvelinho", pois "enquanto se adquire sabedoria, o corpo fenece", "o inexorável nos assola"; "sorvi a vida com prazer, em sôfregos e grandes goles, cheia de vigor e tanto fiz que cansei muito cedo". Restaram "almanaques de quinquilharias"; livros nas estantes; louças de antigos jogos e cores variadas; o retrato de uma moça com vestido azul; a vontade, talvez, de usufruir o amor de um cão; flashes de estradas e da Cidade Morena e desejos, labirínticos desejos. Somos conduzidos por Ana Arguelho a esse labirinto que é o mistério da criação. Ela não nos indica a saída, mas nos seduz.

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

José Sarney, o Homem e a Palavra



Homem singular em sua pluralidade, o ex-presidente José Sarney fez-se maior do que a soma de suas partes. Sua trajetória é analisada por vários ângulos na publicação *José Sarney, o Homem e a Palavra* (AML, 2020). Amigos, de diversas procedências e idades, registram o apreço em homenagens, "na expressão da palavra que fica". Como afirma o cientista político Antônio Lavareda, "José Sarney simboliza uma parcela diferenciada da elite política brasileira que, na República, se mostrou capaz de protagonizar os acontecimentos, tendo os ideais democráticos como bússola". Na página 110, as palavras poéticas do conterrâneo e colega de fardão Ferreira Gullar (escritas na ocasião do aniversário de 70 anos) trazem: "O fato de ter dedicado a maior parte de sua vida à política pode levar os menos avisados a não verem com justiça o escritor que ele é. Mas quem ler o seu romance, *O dono do mar*, não terá dúvida. Eu sou suspeito, porque sou seu amigo. E é como amigo que faço questão de me juntar aos tantos que o admiram." O trabalho de reunir textos para a publicação resultou da união de esforços de dois presidentes da Academia Maranhense de Letras – Benedito Buzar e Carlos Gaspar – e de três membros da Casa, Joaquim Haickel, Félix Alberto Lima e Sebastião Duarte, aos quais se somaram as colaborações do escritor José Jorge Soares e do fotógrafo Nazareno Almeida.

Foi Assim

Deni Almeida da Conceição

Na obra *Foi Assim...* (Gráfica GSA, 2022), Deni Almeida da Conceição faz um recorte temporal de sua trajetória, ao longo de 55 anos dedicados ao à comunicação, como um todo. A narrativa objetiva, escrita na primeira pessoa, expõe, de forma descontraída, as escolhas e a capacidade humana do autor, ligando, com firmeza delicada, o passado de muito trabalho ao presente de merecidas conquistas. O autor fala da formação que recebeu dos pais, da sua trajetória profissional desde o início, quando conciliou trabalho e estudo, da liderança que exerceu no meio estudantil e da ampla participação que teve (e ainda tem) no desenvolvimento de Linhares, sua cidade natal.

A voz que nos fala vem de dentro de cada memória selecionada para compor os 12 capítulos, em que as palavras surgem como potência para demonstrar a lição de uma vida de quem sempre soube ultrapassar as dificuldades, semeando exemplos de honestidade, trabalho e responsabilidade. Os amigos também são lembrados, entre eles, personalidades da sociedade capixaba e lideranças políticas e empresariais. Deni registra, ainda, o seu enorme carinho pela família. Mas o destaque especial do livro é o jornalismo, em que Deni Almeida da Conceição se notabilizou como repórter, redator, colunista social e empresário, ao fundar, na cidade de Linhares, no espírito Santo, *O Pioneiro*, jornal editado ininterruptamente, desde 1967.

Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia – Formação da primeira Comunidade Israelita Brasileira

A obra *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia – Formação da primeira Comunidade Israelita Brasileira*, de Abraham Ramiro Bentes, ganhou reedição caprichada pela Editora Consultor. A publicação, uma notável contribuição cultural e histórica, foi lançada pela primeira vez em 1987, pelas Edições Bloch.

Trata-se de uma obra erudita que versa com profundidade, sapiência e dedicação sobre as origens culturais dos judeus sefaraditas brasileiros e, especialmente, daqueles que vieram para a Amazônia no princípio do século XIX, provenientes de Tanger, Tetuãn, Rabat, Fez e outras comunidades marroquinas, após a sua expulsão de Espanha e Portugal no século XVI.

Paraense nascido em Itaituba, no rio Tapajós, em 1912, Abraham Ramiro Bentes é descendente de pioneiros hebreus sefaraditas marroquinos que aportaram na Amazônia, onde sua bisavó materna chegou, em 1850. Filho de Ramiro Moisés Bentes, natural de Tanger, e de Estrella Benchimol Bentes, nascida no Pará, Abraham Ramiro Bentes fez seus estudos primários no Marrocos. Em Belém, concluiu o curso no Ginásio Estadual Paes de Carvalho. Em 1933, na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro, concluiu o curso de oficial da Arma de Artilharia. Após mais de 40 anos de serviço militar, foi transferido para a reserva com os proventos de General de Divisão.

A Vida por Escrito

Em *A Vida por Escrito – Ciência e arte da biografia* (Companhia da Letras), Ruy Castro oferece um guia de como escrever biografias incluindo todos os segredos, as técnicas e os truques. Fazem parte dessa reflexão: a escolha do biografado, dicas de entrevistas, a decisão sobre como começar e quando terminar a pesquisa, as ferramentas literárias que ajudam a reconstituir os fatos, oferecendo estratégias fundamentais para organizar as informações e transformá-las em livro.

O autor de *O Anjo Pornográfico* ensina, ainda, as possibilidades da reconstituição histórica, que se vale das mesmas técnicas biográficas para retratar determinado cenário ou época, sem um protagonista específico.

Com uma narrativa simples, objetiva e cativante, na mesma medida da profundidade e precisão do conteúdo, o autor nos brinda com episódios decisivos durante suas apurações, ampliando o escopo das orientações.

Ruy Castro começou como repórter em 1967, no *Correio da Manhã*, do Rio, e passou por todos os grandes veículos da imprensa carioca e paulistana. É autor de biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues, e de livros de reconstituição histórica, sobre o samba-canção, a Bossa Nova, Ipanema, o Flamengo e o Rio de Janeiro moderno dos anos 1920. Recebeu o Prêmio Machado de Assis de 2021 e, em 2022, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

A Ilha que me Abriu os Olhos

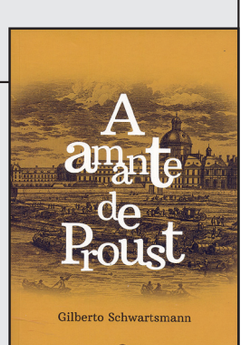
A llha que me Abriu os Olhos: Superação e sonhos pelas esquinas de Florianópolis (Ed. Maceió, 2022) retrata desafios e conquistas na trajetória de Gustavo Amorim, alagoano que, sozinho, atravessou o país em busca de autonomia.

A luta por respeito e igualdade e a busca por independência são desafios que sempre estiveram presentes na vida de Amorim. Buscando compartilhar episódios de sua trajetória, o ex-aprendiz do Ministério Público de Santa Catarina, com deficiência visual, conta experiências vividas em Florianópolis, cidade onde morou por seis anos, onde conquistou a sonhada autonomia.

A obra é um relato pessoal do jornalista alagoano que se mudou para a capital catarinense, em 2014, para morar no alojamento da Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC). A instituição é referência nacional na luta pela independência das pessoas com deficiência visual.

Escrito em primeira pessoa, com 274 páginas, o livro conta toda a jornada de Gustavo em solo catarinense, desde a chegada na ilha, as primeiras impressões, os momentos de medo e insegurança, as conquistas e o início do namoro com a companheira Esther. O autor também descreve em detalhes o período em que trabalhou na Coordenadoria de Comunicação Social do MPSC.

A Amante de Proust



Em *A Amante de Proust* (Ed. Sulina), Gilberto Schwartsmann faz uma homenagem singular ao francês Marcel Proust, cuja qualidade literária é indiscutível. O romance navega entre o moderno e o imaginário riquíssimo de Proust, mesclando o perfil da personagem principal com a psicanálise de Freud. A história percorre o universo amoroso da narradora, recolhida ao famoso hospital psiquiátrico francês Pitié-Salpêtrière, aos cuidados do Doutor Palais. A moça, de origem humilde, teria aprendido o gosto pela literatura "entre os lençóis", tendo sido amante de personagens que vão de André Gidé a André Malraux e Pablo Picasso. Como resultado, conta a história do seu tempo, avançando o próprio tempo moral para discutir as suas relações existenciais. Entre ensaio e romance, com um texto primoroso e fluente, *A Amante de Proust* reconstrói o cenário intelectual de Paris, ainda capital cultural do mundo, das primeiras décadas do século XX.

Gilberto Schwartsmann é oncologista, professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, além de membro honorário da Real Academia de Medicina da Espanha. Preside a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, a Associação de Amigos do Theatro São Pedro e da Biblioteca Pública do RS.

Entrevista

transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Sonia Mattos

As eras de uma casa

Arnaldo Niskier: Hoje, recebemos a visita da professora, filósofa Sonia Mattos, uma especialista no Vale do Café. Ela vai nos contar muita coisa sobre isso.

Sonia Mattos: Trabalho na região hoje conhecida como Vale do Café, que é o Vale do Paraíba Fluminense, berço da cafeicultura no Brasil. Há muitas cidades na região. Vassouras se destaca muito hoje, porque está renascendo. É uma cidade tombada pelo Patrimônio Histórico, desde os anos 1950, mas sofreu muito. Houve uma decadência muito grande dos prédios. O patrimônio histórico, embora tombado, padeceu muito e, recentemente, 4 ou 5 anos atrás, começou um processo de recuperação do patrimônio histórico.

Arnaldo Niskier: Você escreveu sobre isso.

Sonia Mattos: Escrevi e estou para publicar um livro sobre isso. Ele se concentra numa história particular, que é a história da Fazenda Vista Alegre, que é da minha família desde os anos 1980 e fica em Valença. Minha mãe, também escritora, grande escritora, Clair de Mattos Santos, também pesquisou a história de Vista Alegre, mas fiz uma escavação arqueológica da história. Recebi documentos primorosos, originais. Dentre esses documentos, tem esse livro, que é um livro de ouro, do fundador da Fazenda Vista Alegre, que era o Visconde de Pimentel e foi uma figura que desapareceu da história. Ele morreu longe de lá, muito pobre e muito endividado e a fazenda acabou indo a hasta pública. Quando virou o século, outros proprietários adquiriram a Fazenda Vista Alegre junto com outras duas, uma delas a Chacrinha, nossa querida amiga Hecilda Fadel, e a outra Fazenda Campo Alegre, que tinha sido de um barão, Barão de Vista Alegre, mas nunca a Vista Alegre tinha sido desse barão. A história embrulhou tudo. Passou para o século XX, com a família Oliveira Castro, como tendo sido tudo uma propriedade só. O Visconde de Pimentel sumiu na poeira da história, até que esse documento foi achado, em 1992.

Arnaldo Niskier: É original.

Sonia Mattos: Isso, é um documento original. Ele está em condições bem ruinzinhas, é um livro de 1860, e aqui temos elementos manuscritos, temos cartas, assinaturas de personagens que visitaram a fazenda e temos muitas matérias de jornal que foi um clipping que o próprio Pimentel fez. Dentre essas matérias, tem várias que noticiam a fundação da primeira escola de ingênuos no Brasil. Os negros já tinham a Lei do Ventre Livre, mas as crianças pretas não eram educadas, eram libertas, mas não tinham educação e o Visconde de Pimentel fundou, na Fazenda Vista Alegre, a primeira escola para alfabetização dessas crianças.

Arnaldo Niskier: Essa escola existe ainda hoje?

Sonia Mattos: Não, durou pouco, porque o dinheiro dele acabou, ele libertou, alforriou muitos escravizados e o café quebrou na região do Vale do Paraíba. No final dos anos 1980, era já uma região de muita decadência econômica, porque o manejo da agricultura era muito ruim, os cafezais eram muito antigos e com a abolição, então, pegou o pessoal todo muito endividado e o Pimentel não foi diferente. Todas essas informações, esses documentos foram parar numa fazenda vizinha, que era da irmã do Visconde de Pimentel, a Maria Francisca Esteves, e ali ficaram durante 100 anos, porque a fazenda continua na mão da mesma família, até que a última viúva doou para uma congregação de padres, a Fazenda Santo Antônio do Paiol. Esse documento estava junto com um acervo documental fantástico no porão dessa fazenda e um casal amigo, Rogério e Maria Alice Viana, arrendaram essa fazenda por 10 anos e descobriram essa preciosidade. O acervo de livros, cartas, livros de tombo de escravos, cartas de alforria...

Arnaldo Niskier: Você falava da família Pimentel na região do Vale do Café. Queria que você complementasse seu pensamento em relação a essa fazenda.

Sonia Mattos: O Visconde de Pimentel era um iluminista numa região e num tempo em que os homens não queriam saber de cultura e menos ainda de liberdade para os negros. Ele tinha uma visão de futuro para o Brasil que não comportava a escravidão. Então, ele alforriou quase todos os escravizados dele, tinha uma banda de pretos livres que tocavam peças eruditas e todos usavam sapatos, que era uma coisa que negros não podiam usar. Então, ele teve essa ideia, que foi o grande sonho da vida dele, de criar a escola de alfabetização dessas crianças, que já eram beneficiadas pela Lei do Ventre Livre, mas não tinham nenhuma oportunidade de educação. Ele foi um personagem importantíssimo na história, não só no Vale do Paraíba, mas do Brasil, isso foi muito comentado. Há matérias de jornal, nesse livro, que comentam essa realização como de alcance nacional. No entanto, ele foi totalmente esquecido, talvez até por ter sido um homem a frente de seu tempo, uma pessoa com visão de humanidades, num período e numa região em que a vida era muito dura e os senhores dependiam do trabalho dos escravos e esses tinham que ser submissos, porque a subversão da ordem era intolerável.

Arnaldo Niskier: Ele tinha ideia libertária?

Sonia Mattos: Ele não era um abolicionista da política, mas era um abolicionista de fato e realizou coisas impressionantes, muito importantes. Quando descobri essa história e comecei a pesquisar mais sobre a vida dele e de personagens associados a ele foi, me deu a ideia de criar o Instituto Preservale. Contei com a ajuda maravilhosa de pessoas muito queridas nossas e foi uma iniciativa que teve adesão dos proprietários, já nos anos 1990, uma outra visão de um novo rural, era uma visão inovadora do rural, no caso fluminense, que inspirou muitas outras associações Brasil afora, uma instituição de preservação do patrimônio rural. Com isso, veio a marca do turismo, um turismo de preservação.

Arnaldo Niskier: Isso tudo está no seu livro?

Sonia Mattos: Muito disso está no meu livro. Eu foquei na história da Vista Alegre, porque era um fragmento da história do Brasil. É um microcosmo de uma história que aconteceu em todo o Vale do Paraíba (O imperador falou: "O Brasil é o Vale"). E a história do Vale do Paraíba muita gente pensa que ficou no século XIX. Não ficou. Atravessou o século XX e chega até hoje no século XXI. Esse livro conta essa trans-história. Fala dos personagens da fazenda, que ocuparam, os principais, que foram Pimentel, depois a família Oliveira Castro. Com a família Oliveira Castro, vieram os dinamarqueses imigrantes, que criaram a indústria do queijo no Brasil, os primeiros queijos de tecnologia fina foram feitos em Valença, lá na fazenda Vista Alegre, inclusive o queijo prato... Na nossa região, estamos escavando o passado para construir nosso futuro e está dando certo, está dando muito certo. Ronaldo Cezar Coelho, fundador do Preservale, foi presidente do Preservale, excelente presidente, empresário de sucesso e é um grande benemérito de Vassouras. Criou, na fazenda dele, o Instituto São Fernando, que promoveu uma série de iniciativas e, agora, criou o Instituto Cultural Vassouras e vai dar de presente para nossa região um museu, vai ser um dos melhores museus da América Latina. Conseguiu comprar da Santa Casa de Misericórdia o antigo Asilo Barão do Amparo, uma construção maravilhosa, está fazendo uma obra de ponta, de primeiríssimo mundo.

Arnaldo Niskier: Seu livro está pronto. O que falta para sair?

Sonia Mattos: Patrocínio. Nossas conversas no setor cultural sempre passam pela falta de recursos. Mas é um livro que atravessa dois séculos. Essa é a imagem da Fazenda Vista Alegre. As eras de uma casa. Como falei, houve vários personagens nessa história. Foi o dinamarquês que introduziu os queijos finos no Brasil, e aqui são meus pais, na época recém-casados no Quitandinha, que compraram a Vista Alegre em 1980. De lá para cá, de 1850 até 2021, a fazenda continua viva, continua produzindo história. Esse é um fenômeno que, inclusive, o Preservale ajudou a criar e consolidar, que é o fato que essas casas são patrimônio histórico, mas de uma história que corre, que é viva.

Arnaldo Niskier: Você promove cursos lá?

Sonia Mattos: Todas as fazendas praticam hospedagem, de uma forma ou de outra, fazem eventos, casamentos, seminários, filmagens, é uma região que se presta muito à locação de novelas, filmes, minisséries. Citaria, além da Fazenda São Fernando, que é um monumento, a Fazenda São Luiz da Boa Sorte, de um casal amigo também, que é o Nestor Rocha e a Liliana. Fizeram ali uma belíssima experiência rural de patrimônio, hospitalidade, gastronomia.

Arnaldo Niskier: O que eles produzem ali?

Sonia Mattos: Produzem cultura, tem gado, tem uma pequena produção de café, tem um pequeno museu do café. Produzem, basicamente, cultura e entretenimento. Tem uma fazenda também belíssima, em Conservatória, que é Fazenda Florença, do Paulo Robertos dos Santos, que é uma fazenda espetacular que tem hoje uma produção de café especial premiadíssima, e isso é novidade no Vale, o café está renascendo.

Arnaldo Niskier: O clima ainda é o mesmo.

Sonia Mattos: Sim, mas é um café de qualidade, não é aquele café commodity, é um café de pequena escala, um café produzido com critério agroecológico, é um café que já vem sendo premiado no Brasil, tem uma saída fabulosa. Muitas pessoas hoje estão se voltando para o café como uma das formas de geração de renda, além do turismo, porque o turista foi quem pediu. O café voltou, porque aquela região se tornou o Vale do Café e no Vale do Café não tinha café, não tinha café nem para ver nem para beber.

Arnaldo Niskier: E a mão de obra para sustentar isso existe?

Sonia Mattos: É um grande desafio, porque a mão de obra rural, no Estado do Rio, desapareceu, com a sucessão das crises econômicas, migrou para as periferias, muitos dos saberes antigos se perderam. Então, é um trabalho também de recuperar esse conhecimento, essa formação da população rural.

Arnaldo Niskier: E a educação não ajuda nisso tudo?

Sonia Mattos: O senhor teve uma iniciativa brilhante, nos anos 1980 (se não me engano), juntamente com o pai do atual prefeito de Valença, que é o Fernandinho Graça, com o pai dele, o Fernando Graça, que foi a criação do polo agrícola. É uma área de formação muito importante, uma escola muito importante para a formação, no ensino médio, da população rural nas técnicas agroecológicas. É uma iniciativa que podia se multiplicar, porque hoje a demanda é muito grande. Precisamos que essa iniciativa seja retomada, porque existe a demanda, já é um trabalho mais qualificado, porque tem toda essa informação sobre a agricultura orgânica, métodos não predatórios, o reflorestamento que vem junto com o café.

Arnaldo Niskier: E tem um mercado.

Sonia Mattos: É um mercado importante de aquisição de mão de obra, mas precisa de qualificação. É um esforço que precisa ser feito dos governos estaduais, municipais e mesmo do governo federal.

Arnaldo Niskier: E o Instituto Preservale.

Sonia Mattos: O Instituto é um apoiador, somos sempre apoiadores dessas iniciativas, mas não temos o capital financeiro nem a gestão pública. O Preservale é uma instituição particular, privada, de interesse público, mas não tem o poder da caneta. Influenciamos, é diferente.

Arnaldo Niskier: Quando sai o seu livro?

Sonia Mattos: Espero ainda esse ano, porque já está em fase final de diagramação, tem um projeto gráfico muito bonito.

Arnaldo Niskier: Qual a editora?

Sonia Mattos: Ainda não tenho editora, estou aberta à convite. O mais trabalhoso foi fazer o livro, porque é um livro de muita pesquisa, tem uma quantidade imensa de notas, notas de imprensa, não é um livro de tese de mestrado. É um livro quase jornalístico, mais jornalístico do que acadêmico, mas tem uma pegada histórica muito bem fundamentada e, com isso, dá muito trabalho. E para diagramar isso, fazer um livro bonito, gostoso de ler, não é um livro para ficar numa mesa, é um livro para as pessoas lerem, porque a história vai correndo, é uma história saborosa. Está pronto, tem um design maravilhoso, um projeto gráfico espetacular.

Arnaldo Niskier: Quem fez?

Sonia Mattos: Valéria Naslausky, designer conceituada, de família de Conservatória. Ela tem uma carreira nacional, diria internacional, mas a família é de Conservatória. Na época da pandemia, ela voltou para morar lá. Então, nos conhecemos, ela ficou encantada, porque também conhece muita história de fazenda, ficou encantada com o projeto e começamos a trabalhar nisso, o livro está praticamente pronto, estou agora aceitando convites...

Arnaldo Niskier: E ficamos felizes em apresentar as ideias de Sonia Mattos, no nosso programa.

O poder transformador da arte

Quando o então presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Manoel Antônio Galvão, em 1833, doou um terreno, no centro da capital, Porto Alegre, para as obras do Theatro São Pedro, a população não era mais do que vinte mil almas. O sonho, contudo, era o de ter na cidade um grande teatro, que abrigasse com dignidade as diferentes manifestações culturais.

Os dez anos da Revolução Farroupilha, de 1835 a1845, adiaram a inauguração da obra por quase três décadas. Em 1858, Ângelo Moniz da Silveira Ferraz, o Barão de Uruguaiana, então presidente da província, inaugurou o belo teatro, o qual, ao longo de um século e meio, recebeu óperas, concertos e peças teatrais vindos da Europa e das principais capitais do continente americano.

Hoje, ao descortinar do ano de 2023, os porto-alegrenses já são cerca de um milhão e meio de habitantes e o Estado do Rio Grande do Sul chega a doze milhões. O tradicional Theatro São Pedro, por sua vez, encontra-se mais vivo e vibrante do que nunca, em meio a um intenso programa de restauração e de adaptação aos novos tempos.

Projeto Multipalco

Honrando a visão de futuro da saudosa Dona Eva Sopher, que por décadas coordenou as obras de recuperação do teatro e de ampliação de seus espaços, tem-se, hoje, a criação do projeto Multipalco, um complexo cultural com quase dezoito mil metros quadrados. Somado à área do Theatro São Pedro, são mais de vinte e cinco mil metros quadrados dedicados às várias formas de expressão artística.

O projeto Multipalco permitirá que seja oferecida infraestrutura não apenas para as artes de palco, mas para atividades de ensino, inclusão social e aprimoramento técnico de jovens artistas e técnicos.

A conclusão das obras do Multipalco é, atualmente, da responsabilidade da Fundação Theatro São Pedro, dirigida pelo jornalista Antonio Hohlfeldt, e da Associação de Amigos do Theatro São Pedro, presidida pelo professor Gilberto Schwartsmann. Dentre os seus espaços, destacam-se a Concha Acústica, com capacidade para receber 200 espectadores; o Teatro Italiano, com capacidade para 650 espectadores; o Teatro Oficina, com capacidade para 200 espectadores; salas para música de câmera, ensaios, recitais, conferências e simpósios; salas de reuniões e áreas administrativas.

Projetado para ser executado em etapas, à medida que as obras são concluídas, estas são imediatamente disponibilizadas para uso em atividades culturais, artísticas e sociais.

Ao longo dos anos, milhares de crianças, adolescentes e adultos de todas as idades têm se beneficiado das instalações e infraestrutura, tornando-se cidadãos mais produtivos. As crianças que participam dos projetos educativos podem desenvolver seus talentos artísticos, melhorando o rendimento escolar e cultivando o sentimento de cidadania.

Os recursos destinados à realização destas obras advêm de repasses diretos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, bem como de verbas obtidas de empresas parceiras, via projetos aprovados através de leis de incentivo à cultura em níveis federal e estadual.

Em resumo, o projeto Multipalco é a prova de que os gaúchos acreditam no poder transformador da arte.

Visita

O diretor responsável pelo Jornal de Letras, Arnaldo Niskier, esteve, com a mulher Ruth, no pampa gaúcho, a convite do diretor da Biblioteca Estadual de Porto Alegre, Gilberto Schwartsmann, notável colecionador literário e autor do livro *A Amante de Proust*. Schwartsmann, além de presidente da Associação de Amigos do Theatro São Pedro, é membro da Academia Nacional de Medicina e professor titular da Faculdade de Medicina da UFRGS. Presidiu a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bach Society Brazil. Recebeu várias distinções no Brasil e no exterior, dentre elas o Prêmio de Destaque Cultural pela Associação Rio-Grandense de Imprensa; o Prêmio Açorianos de Cultura de Porto Alegre; o Prêmio de Destaque Cultural pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

O acadêmico Arnaldo Niskier é recebido pelo diretor da Biblioteca Estadual de Porto Alegre, Gilberto Schwartsmann.

O casal Ruth e Arnaldo Niskier, em visita à Mostra Caminhos de Proust, na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Membro Honorário da Real Academia de Medicina da Espanha, orientou quase uma centena de dissertações e teses doutorais. Possui mais de 250 artigos originais, com mais de doze mil citações pelo PUBMED. É escritor, com livros publicados no país e com tradução para o espanhol e para o francês. Foi curador da Mostra Centenário do Movimento Modernista no Brasil, na Casa da Memória de Porto Alegre; e curador da Mostra Caminhos de Proust, na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, onde o vice-decano da Academia Brasileira de Letras ministrou a palestra: Memórias de Proust.

Educação e judaísmo, como se pode observar, são atividades que sempre estiveram entrelaçadas.

Acadêmico Marco Lucchesi assume presidência da Fundação Biblioteca Nacional

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Convidado pela ministra da Cultura, Margareth Menezes, para presidir a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – a mais antiga instituição cultural do país e oitava do mundo – o imortal Marco Lucchesi, de 59 anos, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) por quatro mandatos, não medirá esforços para fortalecer a aliança entre a Biblioteca e a democracia, promovendo inclusão e diversidade.

Esses propósitos, aliás, estão presentes em sua trajetória há muitos anos. Desde 2001, o autor de *O Bibliotecário do Imperador* mantém visitas regulares a presídios. Tudo começou após receber a carta de um detento, pedindo livros. "A literatura é a irmã da liberdade", ensina com sabedoria.

Movido pelo compromisso com o diálogo, o acadêmico notabilizou-se na presidência da Academia Brasileira de Letras (2018-2021) por intensificar projetos sociais. Nos últimos anos, liderou doações de livros para prisões, terras quilombolas, comunidades, aldeias e povos ribeirinhos na Amazônia.

Autor de quase 50 livros, dominando mais de 20 idiomas, a pluralidade é a marca do seu extenso currículo. Premiado poeta, escritor, romancista, ensaísta, tradutor, historiador, professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o novo presidente possui uma relação muito antiga com a Biblioteca, não só como amante dos livros, mas também como profissional de letras. Foi editor da revista *Poesia Sempre*, criada pelo então presidente Affonso Romano de Sant'anna, em 1991, e fez edições de obras raras como colaborador. De volta ao país no comando da Casa, soma esforços vigorosos na recuperação da confiança nas instituições republicanas, visando torná-las mais abertas e democráticas: "A república dos livros e os livros da república", sentencia, garantindo: "Não é jogo de palavras, é compromisso."

O acadêmico estava cumprindo um ano sabático como pesquisador visitante da Universidade de Nápoles, na Itália, quando recebeu o convite do governo brasileiro. A volta para casa, em Niterói, foi antecipada com a promessa de tempos melhores: "Esse é um momento em que o Brasil volta a sorrir. Compreendemos que a agenda política tem lugar para o sonho. Não é mais possível uma política em que não haja uma perspectiva de concreção da utopia."

Instituições como a Biblioteca Nacional ajudam a construir a ideia de um imaginário polifônico brasileiro, com toda a diversidade que aqui existe. Substituindo o cientista político Luiz Carlos Ramiro Jr., cuja passagem de sete meses na presidência da FBN ficou marcada pela decisão de entregar a Medalha da Ordem do Mérito do Livro ao ex-deputado federal Daniel Silveira, Lucchesi retorna à instituição reconhecendo o trabalho das gerações de funcionários que dedicaram suas vidas ao espaço: "Os funcionários são de grande competência. A instituição é como se fosse uma verdadeira cidade, que se organiza, cria interfaces."

Foto: © Fernando Frazão/Agência Brasil

Desafios

Os desafios começam pelo espaço. Pela legislação, a Biblioteca Nacional tem o dever de recolher livros, conservá-los, criar metadados e difundir informações. Entre os projetos mais imediatos da nova gestão estão ampliar a digitalização, cuidados maiores com o acervo, tanto físico, quanto digital, conquistar novos espaços e avançar na construção da Hemeroteca Brasileira.

Embora existam múltiplos suportes no mundo contemporâneo, Lucchesi defende a expansão cada vez maior do universo digital: "Isso é inerente a uma ideia democrática do que seja uma biblioteca pública nacional. Ao contrário do que muitos dizem, acredito que as bibliotecas se tornem mais importantes à medida que elas produzem cada vez mais metadados sobre os livros, quando elas indicam hierarquias possíveis de conhecimento, o que é o caminho. Enfim, vejo como um papel fundamental essa transformação do mundo físico para o digital."

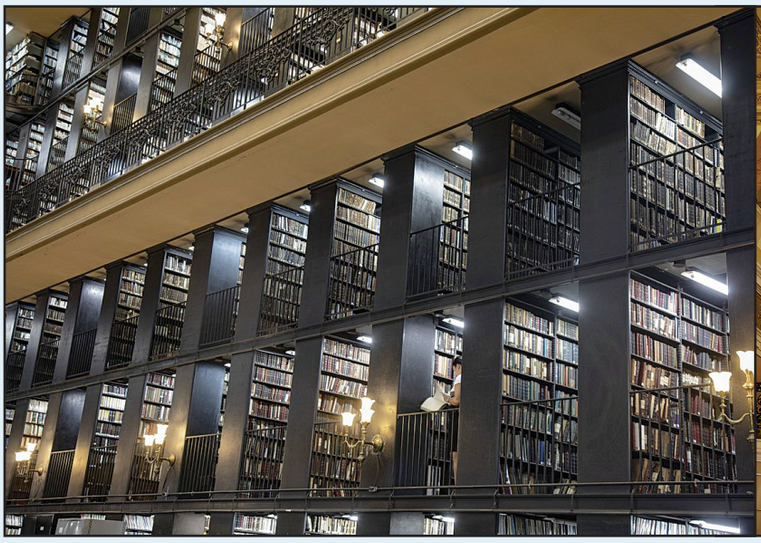
Apesar da agenda intensa, os planos literários do acadêmico não param. Lucchesi lançou, em fevereiro, duas traduções de poetas turcos: Yunus Emre (*Caderno Azul*) e Tozan Alkan (*Babel*). Esse mês, sai, pela editora Rua do Sabão, seu novo romance epistolar – uma novela intitulada *Marina*, passada na década de 1980. Disciplinado, não vai abandonar os alunos. Continuará lecionando e orientando as teses de mestrado na UFRJ.

Entre os planos institucionais, tem como meta expandir o diálogo e ampliar a troca de experiências. Estão em pauta internacionalizar a FBN numa série de acordos e protocolos e retomar a presença nas feiras internacionais de livros: "A Biblioteca Nacional já tem acordos e protocolos internacionais, mas a nossa meta será de ampliar o diálogo, sobretudo, estreitando os laços com a América Latina, numa troca de vivências e soluções. É importante não perder a perspectiva continental."

Além de mais investimentos na conservação do acervo, a ampliação dos espaços não sairá do foco: "Hoje são publicados cerca de 1 milhão de livros, por ano, no Brasil. Nós precisamos ampliar espaço para não só ter a possibilidade de acolher os leitores, que precisam ter o conforto necessário para a atenção de suas leituras, mas também para que os livros fiquem guardados com segurança."

Cursos, seminários e uma série de atividades de inclusão tam-

Foto: © Fernando Frazão/Agência Brasil



bém fazem parte do planejamento. Visitante contínuo de bibliotecas pelo mundo, não só para conhecer, como para pesquisar, Lucchesi defende um local que acolha, generosamente, todos os cidadãos: "A Biblioteca Nacional é patrimônio do Brasil. Nós precisamos democratizar e acolher. Não há outro caminho no país que não passe pela justiça social, pelo acolhimento, pela promoção da cultura e da paz."

Biografia

Filho de Elena Dati e Egidio Lucchesi, Marco Americo Lucchesi nasceu no dia 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. A partir de oito anos, morou em Niterói. Foi matriculado no Colégio Salesianos de Santa Rosa. Estudou piano até os vinte anos com a professora Carmela Musmano e canto com o professor Domenico Silvestro.

Primeiro brasileiro de uma família italiana da Toscana, os versos da Divina Commedia e de Orlando Furioso fazem parte da memória de sua infância. Precoce, suas primeiras publicações foram feitas na adolescência. Em sua ampla produção, contemplada por diversos prêmios, destacam-se: *Sphera*, *Meridiano Celeste e Bestiário* e *Clio* (poesia); *O Dom do Crime*, *O Bibliotecário do Imperador* e *Adeus, Pirandello* (romances); *Saudades do Paraíso* e *Os Olhos do Deserto* (memória); *A Memória de Ulisses* e *O Carteiro Imaterial* (ensaios).

Traduziu diversos autores, dentre os quais, dois romances de Umberto Eco. Graças ao amplo conhecimento de idiomas, criou uma língua artificial denominada "laputar".

Sétimo ocupante da cadeira nº 15, eleito para a ABL em 3 de março de 2011, na sucessão do Padre Fernando Bastos de Ávila, foi recebido em 20 de maio de 2011 pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

Professor titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e recebeu os títulos de mestre e doutor em Ciência da Literatura, pela UFRJ. Realizou estágio de pós-doutorado, Capes/Daad, no Petrarca Institut da Universidade de Colônia, Alemanha, centrando sua pesquisa na filosofia do Renascimento. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi professor-visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II, Tor Vergata, de Craiova, na Romênia e de Concepción, no Chile.

Seus livros foram traduzidos para o árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindi, sueco, húngaro, urdu, bangla e latim. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus, de Timisoara, e, em 2020, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Aurel Vlaicu de Arad. Ministrou palestras pelo Brasil e em diversas universidades no mundo.

Editor das revistas *Poesia Sempre*, *Tempo Brasileiro* (de 2007 a 2015) e *Mosaico Italiano* (de 2005 a 2008), entre 2012 e 2017 foi diretor da fase VIII da *Revista Brasileira da ABL*, tendo coordenado a publicação dos números 70 a 93.

Membro do conselho da Editora da UFRJ (2016-2020), assim como de várias revistas científicas e literárias no Brasil, na América Latina e na Europa, presta diversas consultorias e preparou originais para as editoras Record, Nova Fronteira, Nova Aguilar, José Olympio, Civilização Brasileira e Bem-Te-Vi.

Notabilizou-se também dentro do setor de Coordenação Geral de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional, responsável pela edição de catálogos e fac-símiles no período entre 2006 e 2011.

Foi membro do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura (2015-2017) e editor das coleções *Espelho do Mundo* e *Memórias do Futuro*, editora Rocco.

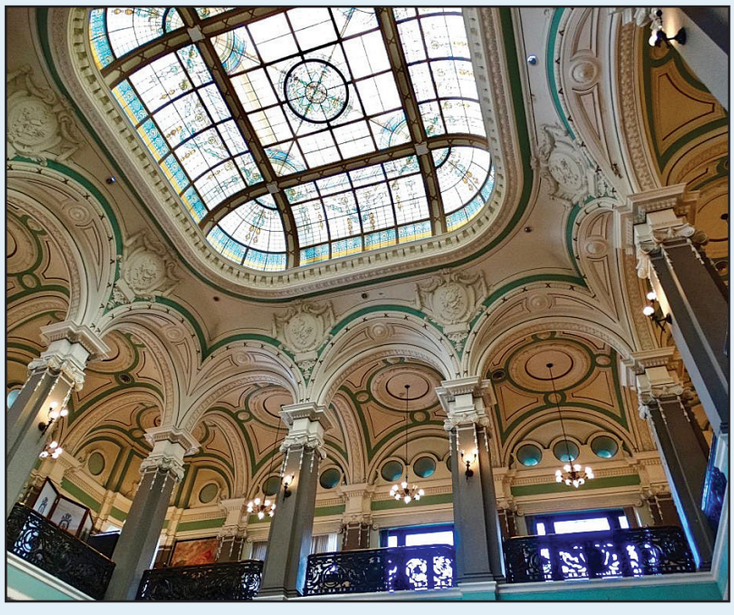
Colunista do *Jornal de Letras* (Lisboa), da revista *Humanitas* (mensal), *Off The Record* (Santiago de Chile) e do jornal *Comunità Italiana*, foi também colunista mensal da revista *Filosofia, Ciência e Vida*, colunista mensal em *O Globo*, de 2010 a 2018, e de outros periódicos no Brasil e no exterior.

Foi dramaturgo em montagens teatrais cariocas; organizou seminários para o Centro Cultural Banco do Brasil e a Funarte, assinou a curadoria de exposições na Biblioteca Nacional, Câmara dos Deputados e Museu Vale do Rio Doce. De 2014 a 2021, foi responsável pelo programa Música de Câmara, na ABL.

Atuante em defesa dos direitos humanos, como sua constante presença em comunidades e prisões cariocas, em 2017, foi homenageado com o nome de duas bibliotecas, ambas no Complexo Penitenciário de Bangu 4. Em 2018, recebeu também o nome da biblioteca do Colégio Salesiano Santa Rosa, Niterói, onde foi aluno no Ensino Médio.

Pertence a diversas instituições, dentre as quais se destacam a Academia das Ciências de Lisboa (sócio correspondente); Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, *Académie de la Latinité*, *Accademia Lucchese di Scienze*, *Lettere e Arti* (sócio correspondente); Academia Paraguaya de laLengua Española (sócio correspondente), entre outras.

Foto: © Fernando Frazão/Agência Brasil



Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

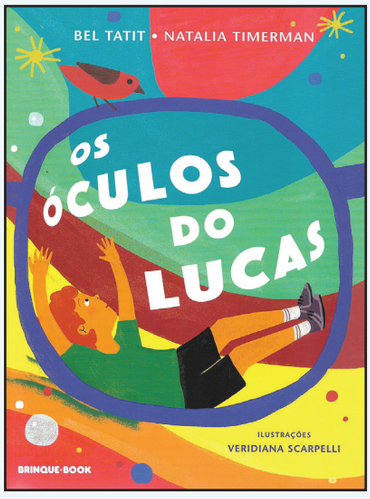
Quem tem pressa não ouve histórias!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Nosso título apresenta a advertência da querida Nélida Piñon (1937-2022). A frase foi proferida em encontro na livraria da Travessa, no lançamento da edição comemorativa dos 30 anos de *A república dos sonhos* (2015). Nélida também afirmou que "a memória é a aliada da narrativa". Seus textos vibrantes, repletos de emoções e sensações, continuam a nos envolver em histórias apaixonantes. Que o legado de Nélida perdure e nos alerte sempre para a paciência de ouvir e, quem sabe, criar histórias.

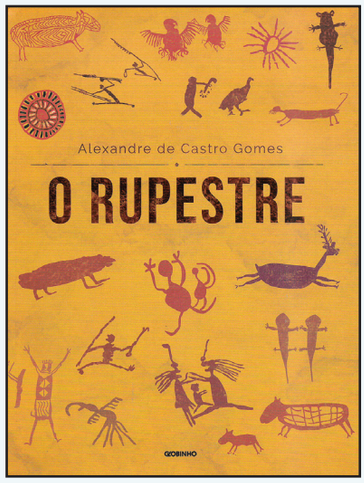
Nélida Piñon e Anna Rennhack.

Os Óculos de Lucas - A lembrança da frase de Nélida surgiu com o testemunho de uma das autoras desse livro – Bel Tatit e Natalia Timerman escreveram e Veridiana Scarpelli ilustrou – Brinque-Book. Bel contou à Natália a história do filho Lucas. Com problemas de visão, o menino achou o mundo tão incrível com os óculos novos que resolveu dormir com eles, para ver se os sonhos também ganhariam cores especiais. Com sensibilidade, logo Natalia percebeu que ali estava uma boa história. Com os óculos para dormir, como será que os sonhos do Lucas ficaram?

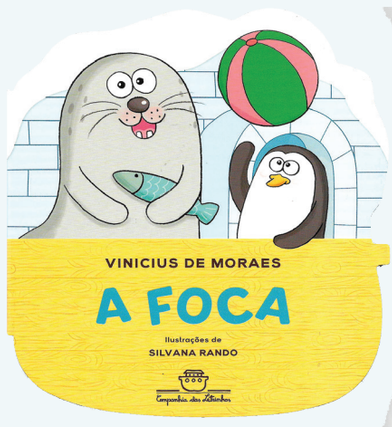


Quero um Abraço – Texto e ilustrações de Simona Ciraolo, tradução de Nathália Dimambro – Companhia das Letrinhas – Felipe é um cacto e abraçar não é uma coisa muito fácil em uma família espinhenta. A metáfora dos espinhos se aplica a tantas crianças (e até adultos) que sentem a falta de um abraço, de um sentimento afetuoso, de um gesto de amor. Muitas vezes são os preconceitos que impedem a demonstração de afeto. Que possamos demonstrar nossa empatia, espalhando carinhos e abraços. Ah, Felipe não está mais sozinho!

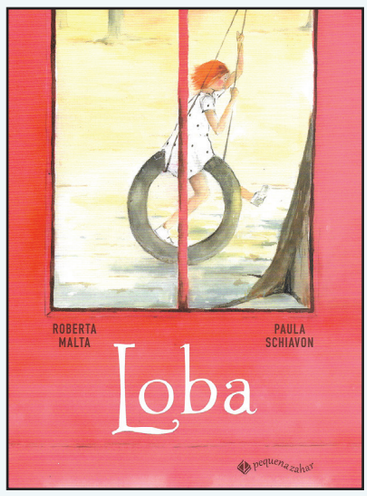
O Rupestre – Texto e ilustrações (baseadas em desenhos rupestres) de Alexandre de Castro Gomes – Globinho – Você já imaginou como os homens das cavernas se comunicavam? O que será que aqueles desenhos, encontrados em cavernas do Brasil de antigamente, queriam dizer? O autor resolveu brincar com o tempo e se imaginar no mundo antigo (bem antigo) e decifrar as imagens, criando um jornal que contasse as aventuras daquela época. Assim nasceu *O Rupestre*. Vamos aproveitar essas histórias e criar outras notícias?



O Pato / A Foca – Vinícius de Moraes, ilustrações de Silvana Rando – Companhia das Letrinhas – A coleção Arca de Noé apresenta os primeiros volumes para os leitores iniciantes e ouvintes de histórias. Em formato especial para os pequenos, capa e miolo em cartão, ilustrados pela mãe do elefantinho Gildo, logo me lembrei das histórias que divertiram minha filha e meus pequenos alunos.



Loba – Belíssima edição da Pequena Zahar, com texto de Roberta Malta e ilustrações de Paula Schiavon – Uma narrativa visual, com pequenos textos de sinalização, com a alegoria da história de Chapeuzinho Vermelho com foco na representação do feminino em suas diversas nuances. Forte linguagem metafórica onde as deslumbrantes ilustrações conduzem a narrativa.



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

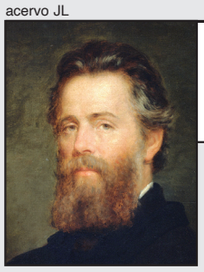
O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

James Joyce

James Augustine Aloysius Joyce (Terenure, Irlanda, 2 de fevereiro de 1882 – Zurique, Suíça, 13 de janeiro de 1941) foi um romancista, contista e poeta da Irlanda que viveu boa parte de sua vida expatriado. É amplamente considerado um dos maiores escritores do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses/Gente de Dublin* (1914) e os romances *Retrato do Artista Quando Jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939) – o que se poderia considerar um "cânone joyceano". Também participou dos primórdios do modernismo poético em língua inglesa, sendo considerado por Ezra Pound um dos mais eminentes poetas do imagismo. Começou a escrever aos 9 anos de idade. Na adolescência, publicava ensaios em revistas, e, em 1907, lançou seu primeiro livro, *Música de Câmara*, uma antologia de poemas. Seus primeiros poemas (*Música de Câmara*, 1907), líricos, de influência simbolista e feitos para serem letras de música, continham, no entanto, uma visualidade e objetividade que os aproximavam do, posterior, imagismo de Ezra Pound, além do uso de arcaísmos combinados a alguns neologismos. Ao lado de Nora Barnacle, sua mulher, James Joyce teve dois filhos e viveu em diferentes cidades da Europa. Ele morava em Paris, em 1922, quando lançou *Ulysses*, a obra que lhe deu reconhecimento mundial. No mesmo ano, ele começou a trabalhar em seu último romance, *Finnegans Wake*, um dos grandes marcos da literatura experimental, lançado apenas em 1939. James Joyce morreu em 1941, em Zurique, na Suíça.

acervo JL



Herman Melville

(Nova Iorque, 1º de agosto de 1819 – Nova Iorque, 28 de setembro de 1891) Escritor, poeta e ensaísta estadunidense. Embora tenha obtido grande sucesso no início de sua carreira, sua popularidade foi decaindo ao longo dos anos. Faleceu quase completamente esquecido, sem conhecer o sucesso que sua mais importante obra, o romance *Moby Dick*, alcançaria no século XX. O livro, dividido em três volumes, foi publicado em 1851 com o título de *A Baleia* e não obteve sucesso de crítica, tendo sido considerado o principal motivo para o declínio da carreira do autor. Quando criança, Melville teve escarlatina, o que afetou permanentemente sua visão. Em 1839, embarcou como ajudante no navio mercante *St. Lawrence*, com destino a Liverpool e, em 1841, no baleeiro *Acushnet*, a bordo do qual percorreu quase todo o Pacífico. Quando a embarcação chegou às ilhas Marquesas, na Polinésia francesa, Melville decidiu abandoná-la para viver junto aos nativos por algumas semanas. As suas aventuras como "visitante-cativo" da tribo de canibais Typee foram registadas no livro *Typee*, de 1846. Herman Melville morreu em 28 de setembro de 1891, aos 72 anos, em Nova York, em total obscuridade. Foi sepultado no Cemitério de Woodlawn. O obituário do jornal *The New York Times* registrava o nome de "Henry Melville". Depois de trinta anos guardado numa lata, *Billy Budd*, o romance inédito na época da morte de Melville foi publicado em 1924 e posteriormente adaptado para ópera, por Benjamin Britten, e para o teatro e o cinema, por Peter Ustinov.

acervo JL

Jean Iris Murdoch

(Dublin, 15 de julho de 1919 – Oxford, 8 de fevereiro de 1999) Escritora e filósofa irlandesa. Frequentou escolas progressistas, primeiramente a Froebel Demonstration School e depois a Badminton School, em Bristol. Estudou Literaturas Clássicas, História Antiga e Filosofia na Somerville College. Foi membro ativo do Partido Comunista até se distanciar da ideologia; deu aulas no Royal College of Art. A partir de 1963 dedicou-se à escrita, tendo produzido 26 romances em 40 anos, os últimos escritos já enquanto sofria de Alzheimer. Em 1956, casou-se com John Bayley, crítico e professor. Faleceu a 8 de fevereiro de 1999 em Oxford. Em 2008, o *The Times* nomeou-a na sua lista dos "50 maiores escritores britânicos desde 1945". A sua história está retratada num filme de Richard Eyre intitulado Iris (2001), protagonizado por Kate Winslet e Judi Dench. Em uma de suas obras mais conhecidas, *A Soberania do Bem*, ela aborda o conceito platônico de Ideia do Bem na psicanálise como necessário à moralidade e ao desenvolvimento da alma. Ele critica os existencialistas com um caráter "demoníaco". Em todas as obras dela, o embate com os filósofos pode ser observado, tendo como inimigo o caráter fatalista que o pensamento existencialista desencadeou. Considerava a arte importantíssima, já que ela se opõe ao egoísmo e revela o real e o verdadeiro. Uma característica um pouco contraditória é o fato de a pensadora ser ateia e isso coloca ela no mesmo mundo sem propósito que os existencialistas que ela critica.

Glória nas alturas

Por Manoela Ferrari

A jornalista Glória Maria é um ícone da profissão, reconhecida como inspiração para mais de uma geração de mulheres negras.

Causou comoção nacional a morte da jornalista Glória Maria, no dia 2 de fevereiro. Considerada um dos maiores símbolos do jornalismo brasileiro, Glória não resistiu a um tratamento de câncer de pulmão, com metástase no cérebro. Afastada da apresentação do Globo Repórter desde agosto do ano passado, a jornalista estava com a saúde debilitada em função da doença.

Diagnosticada com câncer em 2019, ela passou por imunoterapia, com bons resultados. Na sequência, descobriu que havia tido metástase no cérebro e passou por cirurgia, bem-sucedida. Em meados do ano passado, foi submetida novamente a tratamento, após descobrir novas metástases cerebrais.

Apesar de não revelado o ano de nascimento (apenas dia e mês, 15 de agosto), indícios apontam que ela morreu aos 73 anos. Deixou duas filhas, Maria (15 anos) e Laura (14).

Trabalhando na TV Globo desde 1970, a carioca foi a 1ª repórter a entrar ao vivo e em cores no Jornal Nacional. De 1998 a 2007, apresentou o Fantástico e, desde 2010, integrava a equipe do Globo Repórter. Pioneira e ícone da profissão, é reconhecida como inspiração para mais de uma geração de mulheres negras.

Ao longo de cinco décadas de carreira, Glória Maria Matta da Silva mostrou mais de 100 países em suas reportagens e protagonizou momentos históricos. Entrevistou chefes de Estado e celebridades como Michael Jackson e Madonna.

Também cobriu a Guerra das Malvinas, em 1982; a invasão da embaixada brasileira do Peru por um grupo terrorista, em 1996; os Jogos Olímpicos de Atlanta, também em 1996; e a Copa do Mundo de 1998, na França.

Na TV Globo, passou ainda por Bom Dia Rio, RJTV, Jornal Hoje, Fantástico e Globo Repórter, último programa do qual fez parte.

Nascida no Rio, filha do alfaiate Cosme Braga da Silva e da dona de casa Edna Alves Matta, estudou em colégios públicos e sempre se destacou.

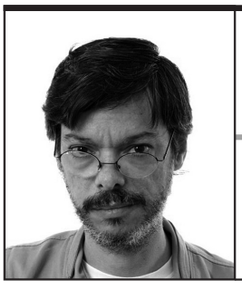
No início da juventude, Glória Maria também chegou a conciliar os estudos na faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) com o emprego de telefonista da Embratel.

Em 1970, foi levada por uma amiga para ser radioescuta da Globo do Rio. Naquele tempo sem internet, ela descobria o que acontecia na cidade ouvindo as frequências de rádio da polícia e fazendo rondas ao telefone, ligando para batalhões e delegacias.

Na Globo, tornou-se repórter numa época em que os jornalistas ainda não apareciam no vídeo. A estreia foi na cobertura do desabamento do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. A partir de 1986, Glória Maria integrou a equipe do Fantástico, do qual foi apresentadora de 1998 a 2007. Ficou conhecida pelas matérias especiais e viagens a lugares exóticos.

Após dez anos no Fantástico, tirou dois anos de licença para se dedicar a projetos pessoais, como as viagens à Índia e à Nigéria, onde trabalhou como voluntária. Nesse período, adotou as meninas Maria e Laura e, ao retornar à Globo, em 2010, pediu para integrar a equipe do Globo Repórter, último programa do qual fez parte.

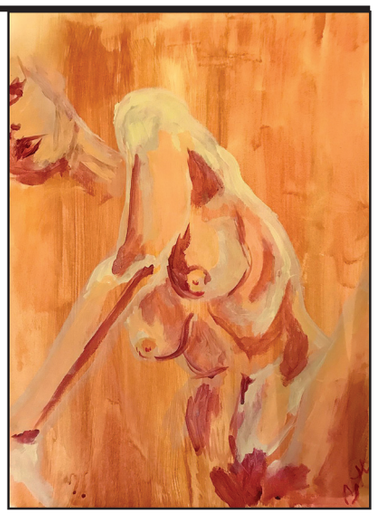
Vai deixar saudades.



arte Desenharte

Por Zé Roberto
zrgrauna@hotmail.com

A lúdica Ágatha Kreisler



Eu sou um monstro o tempo todo.

Ágatha Kreisler Lannes Guerra Leite nasceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de dezembro de 1997. É uma artista visual formada em Edição e Montagem de Filmes, pela Academia Internacional de Cinema, em 2021; e também frequentou os cursos de Ciências Sociais, na UERJ, e Restauração e Conservação de Obras de Artes, na Escola de Belas Artes, na UFRJ, porém não os concluiu.

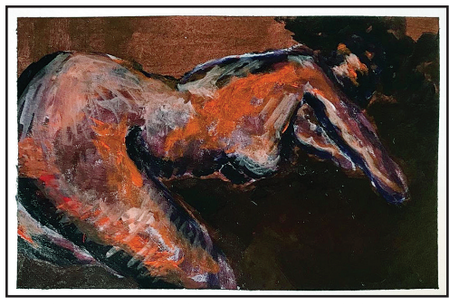
Desde os 16 anos, adotou o hábito de carregar um caderninho de capa preta, onde desenha e escreve. Como uma espécie de diário artístico, Ágatha faz desse caderninho um mundo particular, onde a artista afirma escapar das amarguras da vida real. "Quando percebo que o externo está me afogando, me enfio no caderno e fica tudo bem!", diz a jovem artista. Impossível não lembrar da letra da música O Caderno, de Toquinho, que narra o quanto esses objetos podem marcar a trajetória de uma jovem sensível em seu desenvolvimento (Sou eu que vou ser seu colega / Seus problemas ajudar a resolver / Te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver / Serei de você confidente fiel / Se seu pranto molhar meu papel). De tão presente que seu caderno está na sua gênese, que ganhou até um nome, "Didi" (apelido para diário) que, na verdade, já não é apenas um único caderno, mas vários, que vão sendo substituídos cada vez que as folhas findam. Mas são sempre idênticos, e por isso as pessoas próximas acreditam que, de maneira mágica, se trata de um mesmo caderno que já faz parte da imagem de Ágatha Kreisler há anos.

A desenhista e pintora participou de quatro exposições, sendo três em São Paulo, todas em 2019. As mostras Arte e Mulher, e Contemporânea, aconteceram na Art Lab Gallery, sob a curadoria de Eduarda Freire, além de Pensa Rápido, e mais um evento no Rio de Janeiro, Las Mujeres, coletiva com 6 artistas, que foi montada no bistrô e centro cultural Mi Casa, quando Ágatha atuou também na curadoria. No momento, Kreisler está focada em seus projetos de audiovisual, e se diz empolgada com a ideia de produzir animações mesclando seu talento de desenhista e a paixão pela poesia – arte que ela também gosta de criar. "Desenrolo e misturo desenho com poesia. Desenho é uma paixão de vida inteira, desde criança, e a poesia acaba complementando essa linguagem. A realidade só faz sentido assim para mim!", afirma. A menina exibe e surpreende com suas animações no aplicativo de vídeos curtos da preferência dos internautas: o TikTok. No perfil @kreisleragatha, vale muito conferir a liberdade de criação desta artista inquieta e se surpreender com linguagens de linhas surreais, onde as imagens criadas por Ágatha mudam de forma enquanto se movimentam, um olho – símbolo muito presente em sua arte, torna-se serpente, que por sua vez ganha forma de peixes e, de volta ao começo, nos observa e nos foca novamente. Em outras animações, tem-se a nítida sensação de que é ela autorretratada nas figuras femininas que flutuam pela tela, e tudo é acompanhado com sons eletrônicos e música erudita.

Ágatha Kreisler é neta da belíssima atriz e modelo Ana Maria Kreisler, presente em diversos filmes nacionais e programas humorísticos de televisão na década de 1970, e sobrinha-neta da brilhante ilustradora Antonieta Kreisler, que assinava seus desenhos com a chancela A. Kreisler y Aránaga, e que atuou com regularidade na imprensa carioca, especialmente na publicação infantil *O Tico-Tico*, durante os anos 1911 e 1912. Ágatha Kreisler vem, nos últimos anos, descobrindo a arte e obra de sua antecessora e, de maneira mística, como sua própria arte, diz que se lembra de Antonieta antes mesmo de conhecê-la. "Na infância, não lembro de ter ouvido o nome dela em alguma conversa e aí fixado, não me recordo de nada disso, mas na minha cabeça conheço Antonieta desde sempre... Posso jurar que eu já chorei nessa vida de saudade dela, como se fosse alguém que eu não via há muito tempo. Sempre tive esse mistério ao redor dela, juntando as pecinhas que eu ia descobrindo aqui e ali para entender quem é essa mulher que mexe muito comigo. Eu sempre me projetei muito nela por algum motivo, mas muito antes de saber sobre o que me contaram e mostraram sobre ela. Por algum motivo, eu sempre me identifiquei muito com a figura dessa senhora, e sempre pedia para minha avó me contar mais sobre ela. E aí, eu levo Antonieta Kreisler y Aránaga sempre no meu peito como alguém que amo muito e sinto saudades!".

Arte é vida

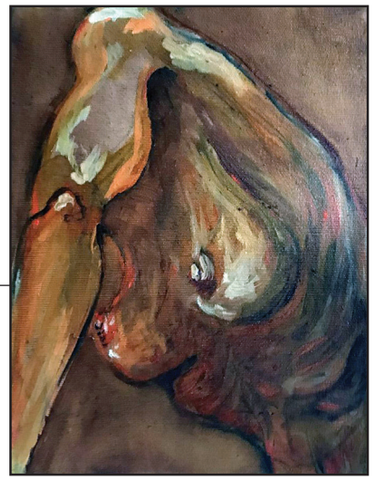
Em dezembro passado, durante as vésperas de Natal, justamente no dia de seu aniversário, Ágatha passou por uma situação de violência urbana. Acompanhada de um amigo que pedalava em sua companhia na orla da praia de Ipanema, Kreisler e seu colega foram agredidos por um casal de assaltantes claramente entorpecido por drogas. Ágatha Kreisler levou a pior e foi esfaqueada no tórax. Resultado: ferimento no pulmão e alguns dias no hospital, "curtindo" as festas de final de ano nas companhias de médicos e enfermeiras dedicadas. Num ato de sensibilidade e entendimento da situação que viveu, a artista não se deixou contaminar pelo ódio tão propagado nos últimos anos que nos atingiram em todos os setores da sociedade. Em suas redes sociais, quando soube da prisão de seu agressor, Breno, conhecido pela polícia do Rio de Janeiro como "Coveiro", a desenhista escreveu em seu Instagram: "Se ele tivesse tido casa, comida, estrutura, estudo, acesso à arte e educação, se socialmente fosse tratado como gente que é ou se, ao menos, lá em 2010, quando preso pela primeira vez, tivesse sido reintegrado socialmente ao invés de posto defronte ao nosso sistema incrivelmente punitivista e desigual, as coisas teriam sido diferentes (...). Sou grata à delegada que trabalhou para que eu possa continuar andando de bicicleta, feliz, aos domingos, mas queria que Breno tivesse esse prazer também. É importante não se deixar levar pela raiva nunca, e imaginar um futuro bonito onde Brenos/Coveiros e Ágathas/Kreisler são colegas de ciclovia e nada mais!".



Que deus me proteja de ver tantas coisas belas; que eu fique dessensibilizada da beleza do que sou.

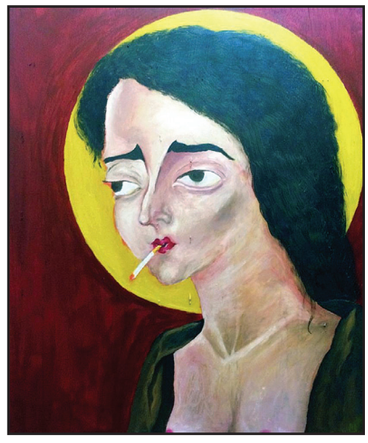
Felizmente, a vida e a arte criativa de Ágatha Kreisler estão a salvo e prontas para espalhar beleza e sentimentos para quem tem seus corações abertos. Além de seu perfil no TikTok, o leitor do **Jornal de Letras** pode conhecer um pouco mais sobre a artista no Instagram, no perfil @kreisleraghata, ou também no Facebook, no link: facebook.com/kreisleragatha.

Saúde e Arte!



Meu corpo, extraviado de tempo e as memórias do que sou.

Página de um dos diários da artistado que sou.



Santa Sangra Louvadeus.

Encontro marcado com Lygia Marina

Por Edmílson Caminha*

Em 1981, o Instituto Lusíadas, do meu amigo e colega professor Paulo Peroba, levou a Fortaleza quatro grandes cronistas brasileiros, para um seminário de literatura que ficaria na história. Ana Maria e eu os recebemos no aeroporto: Fernando Sabino, Rubem Braga, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos. Todos passageiros do mesmo avião! Temeridade que me fez pensar na tragédia literária que seria aquele voo não chegar ao fim... Como em 1979, quando o conhecemos, Fernando chegou com Lygia Marina, cuja beleza chamava a atenção onde quer que estivesse.

Professora de língua portuguesa, já publicara, pela Editora Record, o primeiro volume da série paradidática *Conheça o Escritor Brasileiro*, não por coincidência sobre Fernando Sabino; depois viriam os dedicados a Drummond, Machado de Assis, Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Jorge Amado. Agora, Lygia Marina lança *Música na Alma* (Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2022), testemunho afetuoso oferecido aos netos, para que futuramente, diz, saibam mais da avó que lhes coube ter. Vai muito além: boa contadora de histórias, lembra personagens e acontecimentos do Rio que viu nascer uma admirável geração de homens e mulheres iluminados pelo talento, pelo bom humor e por uma contagiante alegria de viver. Entre esses cariocas, ela mesma, Lygia Marina, que caminhava por Ipanema sem ver seus vigias catando a poesia que entornava no chão, como nos versos de Chico Buarque...

Escreve o cronista Joaquim Ferreira dos Santos:

> *Lygia foi aluna do Colégio Sion, um núcleo conservador da educação para moças. Com o tempo, tornou-se uma mulher de vanguarda, da geração que continuou os passos libertários de Danuza Leão e Leila Diniz. Frequentou as noites divertidas dos anos dourados, curtiu a vida, cuidou da família e trabalhou duro dirigindo centros culturais do Rio. Sempre com classe e um dos rostos mais marcantes da divina galeria de musas cariocas.*

Em 1968, depois das aulas no Colégio Brasileiro de Almeida, a jovem Lygia vai com uma colega ao Bar Veloso, onde logo vê Tom Jobim, que ali compusera, com Vinicius de Moraes, a famosa "Garota de Ipanema". O maestro levanta-se, aproxima-se da mesa em que se encontra a bela e se surpreende ao sabê-la professora da escola da família. "Sua filha Beth é minha aluna", ouve, ao que comenta, divertido: "Não estou acreditando, é a primeira paquera da minha vida que vira uma reunião de pais e mestres..."

Tempos depois, Tom pede a uma filha de Fernando Sabino o telefone do pai, com quem quer falar. É atendido por Lygia (não sabia que ligara para a casa dela), já companheira do cronista. Na manhã seguinte, com uma conversa boba de principiante que não era, o compositor telefona para o escritório de Fernando: quer confirmar o número de Lygia, pode ser que os dois estejam juntos quando quiser contactar o escritor... Sabino, claro, não morde a isca e passa-lhe uma sequência de trotes, brincadeira em que se tornara mestre: "Anota aí, Tom...", e dava-lhe um número errado, para o qual telefonava imediatamente: "Olha, o Tom Jobim vai ligar perguntando por Lygia Marina. Por favor, diga-lhe que o telefone dela é este...", e inventava um número, para o qual discava: "Olha, o Tom Jobim vai ligar perguntando por Lygia Marina. Por favor, diga-lhe que o telefone dela é este...", e outro número errado. A essa história meio cômica devemos uma das mais belas canções da música brasileira, "Lígia": "*Eu nunca sonhei com você / nunca fui ao cinema / não gosto de samba, não vou a Ipanema.*" Os olhos da musa passam de verdes a morenos (para despistar...?) e a brincadeira do passador de trotes é discretamente citada: "*E quando eu lhe telefonei, desliguei, foi engano*"... A inspiradora dos versos só reclama da troca de letras: "Se Tom a fez pra mim, deveria ser *Lygia*, com *y*..."

Com ela e Fernando Sabino, Ana Maria e eu vivemos encontros memoráveis, em Fortaleza e no Rio de Janeiro, quando jantares e drinques eram pretexto para conversarmos noite adentro, sobre viagens, livros, *jazz* e tudo mais que nos unia. Em 1988, surpreendemo-nos com a notícia de que o casamento deles chegara ao fim, de maneira não exatamente amigável. Para que se tenha ideia, Fernando retirou da sua *Obra Reunida*, publicada em 1996 pela Editora Nova Aguilar, todas as menções ao nome de Lygia, como na verdadeira declaração de amor com que a homenageia no romance *O Grande Mentecapto*: "À mui nobre, distinta e formosa senhora dos meus afetos, Dona Lygia Marina de Sá Leitão Pires de Moraes, de cujos encantos meu coração é cativo e a cujo estímulo deve esta obra o ter chegado a seu termo, dedico, ofereço e consagro."

Separados os dois, ficamos em silêncio, avessos que somos a julgar e condenar amigos, sobretudo em questões que dizem respeito, somente, a marido e mulher. *Música na Alma* desaponta quem esperou, de Lygia, "vingar-se" de Fernando, devolver-lhe o ressentimento e a mágoa que o levaram a querer apagar uma relação de 19 anos. Acusa-o de infeliz, vaidoso, obsessivo, egocêntrico e egoísta, mas reconhece, com dignidade, justiça e elegância, o muito que lhe deve, os momentos de alegria e de felicidade que viveram:

> *Foi um casamento bom? Claro que foi. Até deixar de ser.*
>
> *Fernando foi muitíssimo importante na formação do meu filho. Ele amava Luís, e era recíproco.*
>
> *Sei e não nego que o amei muito, mas não segurei a barra daquele processo depressivo e cheio de fantasmas.*
>
> *Nada do que houve entre nós, porém, diminuiu a minha admiração pela obra de Fernando Sabino. Acho seu texto até hoje um primor.*
>
> *Fernando foi um ótimo companheiro, ele que me iniciou no que hoje mais gosto de fazer: viajar. Metódico, sabia como ninguém fazer um roteiro.*
>
> *Foram anos deliciosos... que acabaram.*

A história do polêmico livro *Zélia, uma Paixão* é contada em oito cenas – do encontro à porta de um restaurante em São Paulo, quando Lygia cumprimenta a então ministra da economia de Collor, e diz que gostaria de apresentar-lhe o marido, até a entrevista coletiva em que Sabino se vê sob forte bombardeio da imprensa:

> *A novela não acaba aqui, mas prefiro encerrar o capítulo com meu depoimento: como já disse, irei defendê-lo até a morte, não por me sentir culpada, porque sou responsável pelos dois terem se aproximado, mas porque, enquanto esteve vivo, Fernando jamais se defendeu. Aceitou calado todas as agressões e nunca mais deu entrevistas, nunca mais foi visto em lugar algum depois daquele dia em que todos se esforçaram por massacrá-lo.*

Ex-diretora da Casa França-Brasil e da Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, Lygia Marina, em *Música na Alma*, diz sobre si mesma para falar dos amigos que tem, da cidade que ama, do tempo em que deixou sua marca de beleza e de inteligência: "Minha vida só prova isso. Entre erros e acertos, fui vivendo à minha maneira, com minha régua e meu compasso, e fui, antes de tudo, feliz." Como escreveu Fernando Sabino em *O Encontro Marcado*, pode afirmar que, de tudo, ficaram três coisas:

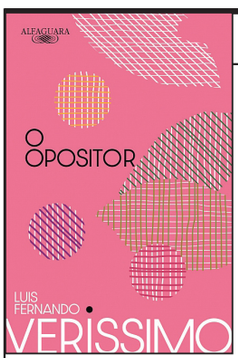
> *A certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompida antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.*

*Edmilson Caminha é da Academia de Letras do Brasil.

Novos Lançamentos

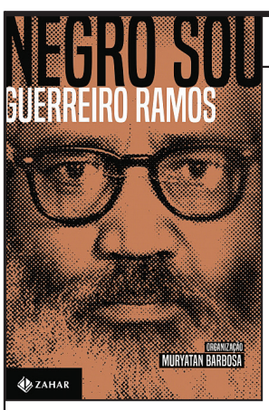
Um recomeço

No dia em que completa 60 anos, Josy se recusa a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão: iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada com a velha Kombi. Sua família, inicialmente chocada, não deixará de culpá-la por essa escolha, que todos consideram egoísta. Nos primeiros dias, Josy irá se manter firme, conhecendo novas amigas, que vivenciam destinos semelhantes e enfrentam a mesma incompreensão social. Mas será isso suficiente para que ela assuma plenamente sua vontade de um recomeço? Talvez, se o amor estiver envolvido. As autoras Aimée de Jongh e Ingrid Chabbert criam, em *Sessenta Primaveras no Inverno* (Editora Nemo), um retrato sutil, comovente e moderno de uma crise de meia-idade em um *road movie* que é impossível parar de ler até o final. Uma obra com um surpreendente sopro de liberdade, que se atreve a lidar com o tabu da mudança de vida e da sexualidade. Aimée de Jongh escreveu mais de dez séries de histórias em quadrinhos e trabalhou em cinco filmes de animação. Em 2014, Aimée começou a trabalhar em seu primeiro romance gráfico, que ela também roteirizou: *Le Retour de la Bondrée* , que lhe rendeu o prestigioso Prêmio Saint-Michel para o melhor quadrinho de 2014-2015. Ingrid Chabbert é autora de livros para jovens e escritora de histórias em quadrinhos.



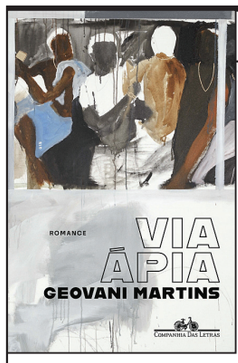
Humor e ironia

Quarto romance publicado por Verissimo, *O Opositor*, que saiu pela primeira vez em 2004, agora reeditado pela Editora Alfaguara, foi também o quinto volume da coleção *Cinco Dedos de Prosa*, em que a editora Objetiva convidou autores para escreverem histórias inspiradas em cada um dos dedos das mãos – Luis Fernando Verissimo ficou com o polegar. O narrador é um repórter paulista que viaja a Manaus para escrever uma matéria e é seduzido por Serena, uma mulher com os dois polegares decepados que lhe prepara chás alucinógenos. Num raro momento de sanidade, ele entra num bar e conhece Polaco, um homem grande e vermelho que parece estar sempre bêbado. No bar – que acaba se revelando uma metáfora do próprio Brasil –, Polaco conta sua história. "Verissimo é capaz de armar uma trama, construir bons personagens e dar coerência a assuntos heterogêneos, e mesmo díspares. A linguagem meticulosa e exata desse mestre da síntese aponta para algo grande. Outra singularidade é a combinação de humor e ironia, que resulta numa expressão cômica, sempre crítica, sutil e inteligente. [...] Uma curiosidade: o romance policial *O Opositor* é ambientado em Manaus e tem um personagem bigodudo com cara de jambo. O nome dele é Hatoum. Lembro que ri muito." – Milton Hatoum. Luis Fernando Veríssimo, um de nossos escritores mais queridos e populares, nasceu em Porto Alegre, em setembro de 1936.



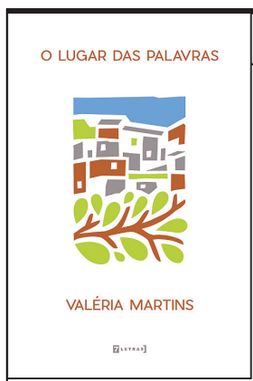
Esquecido

Negro Sou – A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73) Guerreiro Ramos (Zahar Editora), organização de Muryatan S. Barbosa, é uma coletânea inédita de textos sobre a questão étnico-racial por um dos mais importantes pensadores brasileiros do século XX. Considerado um dos pais da sociologia brasileira contemporânea, Guerreiro Ramos (1915-82) foi um dos pensadores de maior renome no país nos anos 1950 e 1960. Foi também professor, ensaísta, servidor público, poeta, teórico da administração e político. Contraditório e polêmico, Guerreiro acabou sendo marginalizado e apagado do cânone das ciências sociais do Brasil por sua independência de pensamento e personalidade combativa. *Negro Sou* é uma seleção de textos sobre a temática étnico-racial escritos pelo autor entre 1949 e 1973 – muitos inéditos em livro –, que contemplam sua complexa relação com a tese da democracia racial no país, a participação ativa no Teatro Experimental do Negro e seus estudos precursores sobre branquitude e decolonialidade. Organizado por Muryatan S. Barbosa, especialista no pensamento guerreiriano, o livro busca recuperar a atenção devida a uma obra que não apenas segue atual, mas que tem muito a acrescentar aos debates de hoje sobre racismo e identidade no Brasil.



Favela pulsante

Depois de estrear na literatura com a coletânea de contos *O Sol na Cabeça* e alçar de imediato a condição de ponta de lança da ficção brasileira, com forte repercussão internacional, sendo publicado por grandes editoras em mais de dez países, Geovani Martins publica seu primeiro romance – *Via Ápia* (Companhia das Letras). Nesta engenhosa narrativa sobre os impactos da instalação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na vida dos moradores da Rocinha, a trama é dividida em três partes: a expectativa com relação à invasão; a ruidosa instalação da UPP; e a silenciosa partida da polícia e a retomada dos bailes funk que fazem o chão da favela tremer. Em capítulos curtos, que trazem perspectivas cruzadas, o narrador nos conduz pelas vidas dos cinco jovens protagonistas – suas paixões, amizades, dramas pessoais, ambições, frustrações, sonhos e pesadelos. Brilhante nos diálogos e mestre na narrativa, Martins é também certeiro no diagnóstico dos efeitos perversos da guerra às drogas. Ao enviar sua tropa de choque para a Rocinha, o Estado parece apresentar uma única resposta aos problemas do Brasil: a morte. A resposta dos moradores é bem outra: a vida, sempre ela, é o que faz a favela pulsar. Geovani Martins nasceu em 1991, em Bangu, no Rio de Janeiro. Trabalhou como "homem-placa", atendente de lanchonete e de barraca de praia. Em 2013 e 2015, participou das oficinas da Festa Literária das Periferias, a Flup.



Escritor

Conheça Rafael Sant´Anna, um jovem como tantos. Com uma diferença: quer ser escritor. Quer muito. A vida não ajuda. Tem problemas como cuidar da avó e mãe dependentes, ir às compras, ser o "homem da casa". Mas quando o desejo é maior que tudo, se torna necessidade. Daí a gente se põe em movimento. Rafael escreve contos. Decide fazer uma oficina literária e a roda da vida começa a girar. Mudanças em cadeia ocorrem e os contos vão saindo. A mulher que acorda e dá com um par de estatuetas com chifres na porta de casa. O jovem que encontra o pai perdido há tanto tempo sob uma chuva de balas. O homem que se isola em uma ilha e é aterrorizado pela entidade local. O fotógrafo que se encanta com um andar vazio no prédio onde vive sem imaginar os perigos que encerra. Acompanhamos Rafael Sant´Anna em sua jornada do herói para se tornar escritor. Entre ganhos e perdas, ele amadurece, se arrisca e colhe os frutos do trabalho feito um pouco às cegas, tendo como único guia a Grande Esfera Negra, "de onde tudo brota, buraco negro que atrai, engole, regurgita. Dela vêm as palavras, a Vida, tudo deste mundo e do outro também". Valéria Martins é jornalista formada pela PUC-Rio e agente literária desde 2008 à frente da Oasys Cultural – www.oasyscultural.com.br. *O Lugar das Palavras* (Editora 7 Letras) é seu primeiro livro de ficção literária.

Lembranças

Entrei no século XXI já morando em Praga. Vários acontecimentos extrassensoriais se passaram na minha mente e pele em Praga. Todos os amigos, amigas e familiares que nos visitavam queriam, é claro, conhecer o Castelo de Praga. Foi por isso que, em horas vagas, me transformei em um guia amador da cidade e do seu castelo. Numa dessas peregrinações turísticas pela cidadezinha do castelo, com suas vielas e ladeiras, entrei com amigos em uma pequena loja de souvenir, com pinta de loja de arte. Tomei um susto quando me deparei, por trás do balcão principal, com o quadro que emoldurou a cômoda onde minha mãe guardava lençóis e toalhas, ao lado da cama onde dormi por muitos anos. Tratava-se de um anjo da guarda, em tons de verde e rosa, abrindo suas asas protetoras sobre um menino que tentava apanhar uma bola, à beira de um precipício. Não era um quadro parecido com o meu. Era uma réplica, em melhor estado ainda do que aquele que encantou a minha infância. Este pequeno quarto da minha casa era muito especial por três motivos: tinha ligação direta com o quarto dos meus pais; havia um janelão que se abria para a varanda, em cima da mesa de passar roupas, onde a Maria lavadeira passava metade do dia cachimbando, soprando brasas e papeando comigo. Esta entre outras memórias são relatadas por Miguel Gustavo de Paiva Torres em *Memórias ao Vento* (Editora Arqueiro).

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Dias quentes do verão de 2023

Por Marli Gonçalves*

Dias quentes, fervidos, ferventes, fervorosos, agitados. Precisamos justamente de um refresco; por favor, como conseguir? Ainda irão demorar nessa toada de justificativas, enganos, verdades, mentiras, idas e vindas. Agora até um robô entrou na parada: duvido que ele saiba das coisas que fizemos nos verões passados.

O bafo quente do verão que entra pela janela precede tempestades que a tudo alagam e a gente assiste, dia após dia, o terror de agitados rodos jogando a água para fora de casas e locais esquecidos. Córregos que transbordam sugando carros, casas, vidas. O choro doído das perdas de vidas inteiras de trabalho, esforços e prestações. Sabemos de árvores malcuidadas e constantemente cheias de lixo em suas raízes que despencam nos fins de tarde às dezenas, desverdejando ainda mais as paisagens já pobres das grandes cidades. A repetição é cruel, e tudo é muito próximo, real. Administrações municipais e estaduais se explicam através de notas, promessas, investigações das quais nunca mais teremos notícia e que devem se acumular empilhadas em algum arquivo por aí. Tudo vira rodapé de página, notícia de canto, cara brava de apresentador de tevê com comentário ácido. Quem se importa?

Os olhos se voltam, sim, para as tragédias. Lá longe, passam os corpos frágeis e desmilinguidos, mostrando até os ossos dos yanomamis dizimados por fome, pela contaminação dos garimpos, pela desatenção. E não só com essa etnia, mas com muitas outras que vão se apresentando, e não é hoje. A desgraça dos guaranis, as invasões de terras, o suicídio de seus jovens, o alcoolismo que abate. As meninas grávidas, a malária, o isolamento. Tudo se mistura na passagem do tempo sem alegria, inseguro, dominado.

Os povos originários, as minorias, todos agora ganharam ministérios das questões, encabeçados por aplaudidas personalidades, que sempre foi mais fácil criar cargos, conselhos, espaços e reuniões, muitas, do que objetivamente resolvê-las. Na linguagem atual, os corpos – indígenas, negros, trans, mulheres e mais – ocupam o poder – simbolicamente, mas poderemos ter soluções que se apressem?

Muito falatório e, agora, depois da balbúrdia de 8 de janeiro, mais ainda na busca de punição aos responsáveis, seres esquisitos que nas manhãs ainda estamos vendo sendo conduzidos em camburões para se explicarem, como se isso fosse possível. Os maiorais entram e saem pela porta da frente, e continuam por aí disseminando, formando grupos da discórdia, e aparecem as conspirações e atrapalhadas tentativas de golpe, que chamam a atenção para o perigo que vivemos e que tanto pressentimos nos últimos anos. Aliás, muito admira que a palavra golpe ainda não tenha sido ungida a algum patamar, tantos são os que nascem, não só na política. Na vida digital, nos aplicativos amorosos, nos descalabros financeiros que atingem milhões de pessoas, bilhões de reais, nos roubam sossego. Nos roubam o precioso tempo.

O novo governo chegou, já faz mais de mês. Até tenta consertar malfeitos antigos, mas eles não param de surgir, exigir medidas, recursos, e para tudo é necessário negociar com as mesmas enferrujadas e divididas estruturas de sempre, legislatura após legislatura. O sistema. Não bastasse, o novo que não é novo, recomeça com seus velhos discursos, diz e se contradiz, muitas vezes na imposição de uma outra história, a tal da narrativa, a mais manipulada das palavras quando se refere à política.

Verão, veremos algum tempo bom, alguma moda divertida, ou seremos ainda encharcados não de suor, mas de lágrimas de mais perdas impactantes de forma que não sabemos nem bem como explicar, como a de Glória Maria?

Será que precisaremos perguntar como nos refrescar a esse novo monstro, o ChatGPT, que vem sendo cantado em verso e prosa, inteligência artificial, e que se grife continuamente isso: artificial?

Ok. Tentei, mas ele está doidinho da Silva e tem tanta gente – fora me perguntar umas cinco vezes se sou "humana" – fazendo isso no mundo, com alguma solicitação, que não consegui. Entrei numa fila. Fica, então, para uma próxima. Embora seja paulistana, detesto filas, qualquer fila, e muito menos essa agora onde nem ao menos vou ter com quem conversar para me distrair.

*Marli Gonçalves é jornalista, consultora de comunicação, editora do Chumbo Gordo, autora de *Feminismo no Cotidiano – Bom para mulheres.*

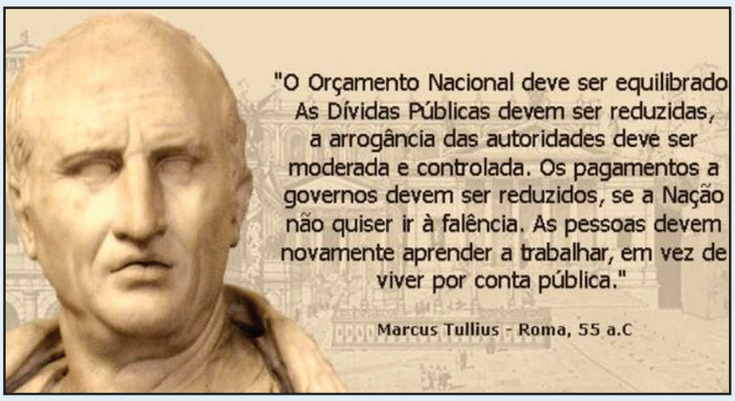
Amazônia Perpétua

Por José Eduardo Coelho

Continuará: Ela é eterna;
Dispensa o formo crematório das essências:
cena da imprudência humana.
Ainda há tempo para não chegarmos ao último suspiro pela fumaça;
seria fatal.
Conservá-la: a "Biblioteca aromatizada
para o mundo Labor (ioso(ratório) medicinal.
Louvamos os benévolos amantes do verde.
Respiramos a pureza atmosférica.
Forças unidas, gratificante à população,
agradecem a sensibilidade e o reconhecimento
beneficiando a terra brasileira."

Orçamento nacional

José Carlos Gentili*



Costumo afirmar que o tempo não integra a Natureza, porquanto ele é uma criação dos homens.

Eterna dualidade – o homem e o tempo!

Sol e lua, marcadores dos períodos diurnos e noturnos, impostos ciclicamente pela Natureza – dona do mundo –, senhora do universo e do Criador.

A mensuração dista da Antiguidade com parâmetros solares e lunares e, mais tarde, com as observações estelares, conforme os equinócios.

Sem dúvida! A gnose e os experimentos terrenos alteram-se de acordo com o Poder no mundo, seja ele religioso ou imperial, tanto faz, afinal.

O tempo é companheiro do vento, que passa e não volta. Fugaz como a saudade lusitana, que varre nossos âmagos a feitio de duendes a perambular os meandros de nossas existências.

Ressalto, sempre, que "o tempo é o senhor das ações."

Os Ritos de Passagem apenas regem os inícios, os meios e os fins daqueles que pensam imaginar e dominar a magia existencial telúrica.

Lembrei-me dos idiotas, dos gananciosos, dos traidores pátrios, dos políticos nefastos, dos beócios com discutíveis cursos superiores, verdadeira elite da corrupção, que falseiam a verdade, afrontando os povos e as nações, ditas civilizadas.

Lembrei-me de Cícero – senhor de cutelo e baraço –, atual, até hoje, em seus pensares.

Marcus Tullius Cícero despontou na vida romana, observando princípios éticos e a orientar a sua grei, incitando-a ao trabalho.

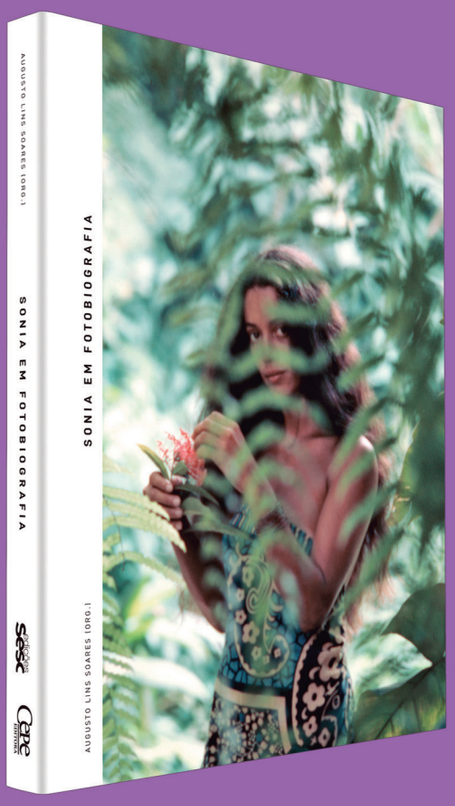
Cícero deve ter ficado desapontado, também, com os traidores do Império, da mesma forma que nós na antiga Pindorama. Leiamos, então.

"Uma nação pode sobreviver aos idiotas e até aos gananciosos, mas não pode sobreviver à traição gerada dentro de si mesma. Um inimigo exterior não é tão perigoso, porque é conhecido e carrega suas bandeiras abertamente. Mas o traidor se move livremente dentro do governo, seus melífluos sussurros são ouvidos entre todos e ecoam no próprio vestíbulo do Estado. E esse traidor não parece ser um traidor; ele fala com familiaridade a suas vítimas, usa sua face e suas roupas e apela aos sentimentos que se alojam no coração de todas as pessoas. Ele arruína as raízes da sociedade; ele trabalha em segredo e oculto na noite para demolir as fundações da nação; ele infecta o corpo político a tal ponto que este sucumbe." (Cícero).

Carpe diem, quam minimum credula postero

"Aproveite o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã". (*Quintus Horatius Flaccus* – 65 a.C – 8 a.C.).

*José Carlos Gentili é jornalista.



LANÇAMENTO

SONIA EM FOTOBIOGRAFIA

Augusto Lins Soares (org.)

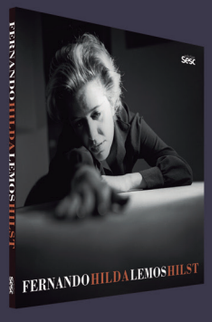
Edições Sesc | Cepe Editora

Misturando família, carreira, ativismo social, depoimentos, ensaios fotográficos e muito mais, livro narra a construção da imagem de um ícone nacional e estrela do cinema mundial.

VEJA TAMBÉM

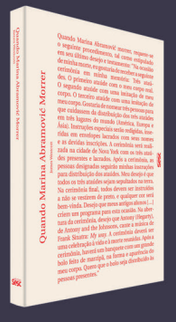
COLEÇÃO LINA BO BARDI
Marcelo Carvalho Ferraz (org.)

HELENA IGNEZ, ATRIZ EXPERIMENTAL
Pedro Guimarães e Sandro de Oliveira



FERNANDO LEMOS HILDA HILST
Fernando Lemos e Augusto Massi

TARSILA DO AMARAL, A MODERNISTA
Nádia Battella Gotlib



QUANDO MARINA ABRAMOVIC MORRER uma biografia
James Westcott

BEAUVOIR PRESENTE
Julia Kristeva

FERNANDA MONTENEGRO itinerário fotobiográfico
Fernanda Montenegro (org.)

LENDO E RELENDO
Walnice Nogueira Galvão

ANNA BELLA GEIGER Coleção Arte, Trabalho e Ideal
Fabiana de Barros, Michel Favre e Marcia Zoladz (org.)

LIÇÕES DE RESISTÊNCIA Artigos de Luiz Gama na imprensa de SP e do RJ
Ligia Ferreira Fonseca (org.)

[...] METADE É VERDADE RUTH ESCOBAR
Alvaro Machado

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc